



# biblica

ONDE A BÍBLIA SE FAZ VIDA

Ano 66 / março-abril 2020 / Nº 387 / € 1.50



**Evangelho  
da Vida**  
coleção de presépios

**Como foi o enterro de Jesus?**



## SECÇÕES

- 01 EDITORIAL: A “Bíblia dos Capuchinhos” no seu telemóvel
- 02 SALMO: Salmo 104
- 04 A BÍBLIA RESPONDE: Como foi o enterro de Jesus?
- 09 ESCOLA DA PALAVRA: abril-maio / Ano A
- 14 ÍCONES: A Entrada triunfal
- 16 Amigos do Presépio
- 32 MISSÃO: Presença Capuchinha em Timor-Leste
- 33 DOCUMENTO: A Querida Amazônia
- 40 ECUMENISMO: Cristãos recusam “ultimato” de um plano de paz que só traria “mais violência”
- 42 CÂNTICO: Aleluia
- 43 MOVIMENTO BÍBLICO: 29ª Semana Bíblica de Barcelos; Programa da 43ª Semana Bíblica Nacional 2020
- 45 A TERRA DA BÍBLIA
- 48 ATUALIDADE: a VIDA primeiro, sempre

## DOSSIÊ: EVANGELHO DA VIDA

- 17 O Menino em cima da Cruz
- 18 O. OS CINCO PASSOS DO ROTEIRO: “Evangelho da Vida”
- 21 I. AS FONTES: “Nele é que estava a vida” (João 1,4)
- 24 II. A PROMESSA: A Virgem conceberá
- 27 III. O CUMPRIMENTO: “Na plenitude do tempo” (Gálatas 4,4-5)
- “O Verbo fez-se Homem” (João 1,14)
- 30 IV. O ANÚNCIO: Do “querigma inicial” ao “anúncio do Natal”

**CAPA:** A cruz vazia do Calvário e o sepulcro de Jesus. A pedra rolada proclama: “Jesus, o crucificado, não está aqui, pois ressuscitou como tinha dito” (Mateus 28,5-6).  
**CONTRA-CAPA:** Descida do Espírito Santo sobre Maria e os Apóstolos, no Pentecostes.

# Evangelho da Vida

coleção de presépios

**ASSINATURAS** Portugal: € 10,00; Europa, Macau, Guiné Bissau, S. Tomé e Príncipe: € 14,50; Países fora da Europa: € 17,50; **Assinante Benfeitor:** Quantia superior à indicada para a respetiva assinatura.

**PAGAMENTO** Adiantado no início do ano, em nome de **Difusora Bíblica**.

**Pela referência Multibanco** indicada por baixo do número de assinante na folha de rosto com a sua direção.

### Por transferência bancária:

Banco Santander Totta – Fátima.  
**NIB 0018 0003 37573862020 67**  
**IBAN PT50 0018 0003 37573862020 67**  
**BIC/SWIFT TOTAPTPL**  
**(Envie-nos o comprovativo do Banco).**

### ATENÇÃO ASSINANTES NO ESTRANGEIRO!

Em virtude das elevadas taxas a pagar por cheques estrangeiros, pedimos o favor de:  
 > Enviar em nome de “Difusora Bíblica”  
 > Em euros, sobre um Banco português  
 > Melhor ainda, por transferência bancária.

**Já pagou a sua assinatura de 2020?**  
**No envelope da revista, a data junto do seu nome é a do ano que já está pago.**  
**LEMBRE-SE:** esta revista só vive do pagamento dos seus assinantes.

## A “BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS” NO SEU TELEMÓVEL

De forma a assinalar o Domingo da Palavra de Deus, instituído pela Carta Apostólica “Aperuit illis”, do Papa Francisco, os Franciscanos Capuchinhos e a Difusora Bíblica lançaram uma nova aplicação da Bíblia Sagrada para telemóvel.

Entre a vida donde brotou e a escrita em que foi fixada, passando pela tradição oral, a Bíblia foi vestindo as formas de expressão e comunicação das várias épocas e gerações. A Difusora Bíblica, fundada em 1955, tem como principal objetivo «difundir e dar a conhecer a Palavra de Deus». A sua primeira edição completa da Bíblia Sagrada data de janeiro de 1965.

Com o virar para o novo milénio, as mais modernas tecnologias de informação abriram potencialidades quase ilimitadas para levarmos a Boa Nova até aos confins da terra, no seguimento do mandato de Jesus. Assim, em 2007, disponibilizámos o texto da *Bíblia Sagrada* na **internet** e, em 2011, em diversas aplicações para **telemóvel**.

Agora, em aplicação própria, disponibilizamos esse mesmo na primeira edição publicada segundo o atual Acordo Ortográfico. Para já, apenas está disponível para **Android**, mas continuamos empenhados no seu desenvolvimento.

Queremos oferecer-lhe, gratuitamente, uma aplicação com qualidade para que possa aceder, onde quer que esteja, à tradução da *Bíblia Sagrada* que os católicos portugueses melhor conhecem há mais de cinquenta anos.

Para além da escolha do texto que deseja ler, selecionando o livro da Bíblia e o capítulo, pode usar a opção “Pesquisar” para procurar determinada palavra ou frase. Pode ainda usar a função “Leituras do dia” onde lhe é apresentada a Agenda Litúrgica, que lhe diz quais são as leituras do dia. Se está a ler um texto de que gosta, pode guardá-lo selecionando a função “Marcadores”. Pode ainda instalar outras traduções para estudo da Bíblia através da função “Estudo do versículo” ou, manualmente, em “Biblioteca”. Nas “Definições”, entre outras funções, pode alterar o tamanho da letra ou alternar entre um estilo claro ou escuro do tema. Pode ainda partilhar um versículo de que gosta por *sms*, *WhatsApp* ou *email*.

A “Bíblia dos Capuchinhos” para telemóvel foi instalada mais de oitocentas vezes só nas primeiras duas semanas. E que maravilhoso apostolado seria, se os jovens de cada paróquia pudessem não só instalar a aplicação no seu telemóvel, mas também ajudar as pessoas com maior dificuldade a fazerem o mesmo.

Poderá obter mais informações e a ligação direta para o download gratuito da aplicação, visitando a página: [www.capuchinhos.org/appbiblia](http://www.capuchinhos.org/appbiblia)

Hermano Filipe



**Diretor**

Hermano Filipe

**Administrador**

Luís Manuel Leitão

**Chefe de Redação**

Lopes Morgado

**Redatores Permanentes**

Acílio Mendes, António-José d'Almeida, António Marujo, Ariel Valdés, César Pinto, Fernando Alberto, Fernando Ventura, Herculano Alves, João Santos Costa, Manuel Arantes, Manuel Rito, Marcelino Paulo Ferreira, Vítor Arantes, José Luís Caetano (imagem)

**Direção gráfica**

Lopes Morgado

**Paginação**

Tânia Cordeiro

**Edição**

DIFUSORA BÍBLICA

(Franciscanos Capuchinhos)

**Administração e Redação**

Rua de S. Francisco de Assis, 160

Apartado 208

2496-908 FÁTIMA

Telefone: 249 530 210;

249 530 211

e-mail:

difusora@difusorabiblica.com

home page:

www.difusorabiblica.com

**Propriedade**Província Portuguesa da  
Ordem dos Frades Menores  
Capuchinhos**Pré-impressão**

Difusora Bíblica/Fátima

**Impressão e Acabamento**FIG – Indústrias Gráficas, SA  
COIMBRA

ISSN 0874-3061

Depósito Legal: nº 28340/89

NIF: 500 766 762

Isento de registo na ERC, ao  
abrigo do decreto regulamentar  
8/99 - 9/6 do artigo 12 nº 1a)

Tiragem: 6.500 exemplares

Fecho do número: 18 fevereiro

## Salmo 104 (Na Vigília de Pentecostes)

*São conhecidos na terra cerca de 2 milhões de seres vivos,  
mas calcula-se que existam entre 15 a 25 milhões por descobrir.*

Senhor, como são grandes as tuas obras!

Abriste as mãos  
e, nelas, se abriu o livro das nossas horas  
escrito nos seis dias  
da tua eternidade.Ergueram-se as montanhas,  
e, em cada uma delas,  
ergueste um Sinai humano  
de sinais divinos.Transformaste o rochedo em rio,  
e as miragens, em campos de vinha.Criaste, com a mesma bondade,  
cães e gatos, hienas e tigres.  
A uns nós chamamos domésticos,  
porque se aproximam de nós;  
a outros chamamos selvagens,  
porque fugimos deles.O mar não menospreza o ribeiro.  
Nenhum deles tem inveja da canção do outro.  
Senhor, com o teu espírito,  
renovas hoje a terra  
e não deixas que morram  
as 34 mil espécies de plantas  
nem as 5200 de animais,  
que a insensatez do homem colocou em risco de extinção.Os ventos bíblicos,  
a consciência ecológica e a responsabilidade humana  
são os anjos da tua Providência  
que, paradoxalmente, mantêm verde este planeta azul.  
São eles que espalham, por todo o universo,  
em feixes de luz e de esperança,  
a vida em abundância e os raios da tua glória.

Manuel Rito Dias

Fazes dos ventos teus mensageiros,  
e dos relâmpagos, teus ministros. (v.4)

## Como foi o enterro de Jesus?

Habituémo-nos a pensar que o enterro de Jesus foi como nos é apresentado geralmente pelos artistas: rodeado de amigos e conhecidos, a Virgem Maria segurando-o nos braços e várias mulheres com outras pessoas piedosas a chorar e a lamentar-se em volta dele. Mas, terá sido realmente assim?

Ariel Álvarez Valdés / [arialvaldes@yahoo.com.ar](mailto:arialvaldes@yahoo.com.ar)

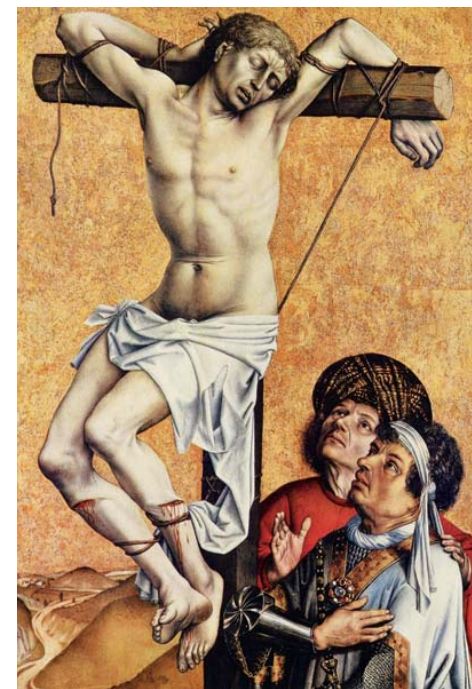
Tradução do castelhano / LOPES MORGADO

**S**e consultarmos os Evangelhos, veremos que nos dão quatro versões diferentes do enterro, e nenhuma delas coincide com a que a apresentada pela arte cristã. Porque Marcos é o autor mais antigo, e mais próximo dos factos, vejamos primeiro o que ele diz, para depois analisarmos as diferenças dos outros três evangelistas.

Mas, antes de estudar Marcos, e porque na morte de Jesus intervieram as autoridades romanas e judaicas, examinemos como estas costumavam sepultar os criminosos.

### COSTUMES DOS ROMANOS E DOS JUDEUS

Comecemos pelos romanos. Estes não eram cruéis nem brutais, e em princípio não castigavam desnecessariamente a família de um condenado à morte. Portanto, costumavam entregar o cadáver aos seus familiares para que lhe dessem sepultura. Mas, tratando-se de um condenado por motivos políticos, a prática mudava. Pois, se os romanos evitavam alguma coisa, era transformar um criminoso em herói popular. Nesses casos, o seu cadáver era deixado exposto e sem

Robert Campin  
(Tournai, 1375 – Tournai, 26 de abril de 1444).





O sepultamento de Cristo, de Caravaggio (c.1602-3).

enterrar, para que as aves e os animais selvagens o despedaçassem e comessem. Por isso, é pouco provável que, no caso de Jesus, morto por se proclamar «rei dos judeus», Pilatos tivesse entregue o seu cadáver precisamente aos seus seguidores para que o enterrassem com todas as honras.

Os costumes dos judeus eram diferentes. A prática romana de deixar os criminosos sem sepultura, de expor os seus cadáveres pendurados na cruz durante vários dias, horrorizava-os. A Lei de Moisés (Dt 21,22-23) ordenava que nenhum corpo devia permanecer exposto durante a noite; devia ser sepultado nesse mesmo dia, para não contaminar a terra. Flávio Josefo conta que os judeus respeitavam tanto esta lei, que procuravam enterrar antes do anoitecer os próprios

condenados à morte, os suicidas, e até os seus próprios inimigos.

### O COVEIRO

Vejamos agora o relato do enterro de Jesus tal como nos é contado por **MARCOS** (Mc 15,42-47). Começa por apresentar o responsável do enterro: José de Arimateia; e a primeira coisa que nos diz é que era um «*membro respeitável do Conselho*» (Mc 15,42). De que Conselho?

Marcos não o diz, mas «o» Conselho só pode ser o Sinédrio, órgão do governo judaico. E ele já tinha dito antes que «*todo o Sinédrio*» procurava a morte de Jesus (Mc 14,55), e que «*todo o Sinédrio*» o havia entregue a Pilatos para que o matasse (Mc 15,1). Por isso, para Marcos, este homem não era um seguidor de Jesus, mas alguém claramente oposto a Ele.

Mas, Marcos ainda diz que José de Arimateia «*esperava também o Reino de Deus*». Não significa isso que era discípulo de Jesus? De facto, Jesus tinha pregado durante a vida o Reino de Deus aos seus discípulos (Mc 1,15; 4,24.30), e só a eles ensinou os mistérios do Reino (Mc 4,10-12). Mas tenhamos presente que também os judeus esperavam o Reino de Deus, sem que por isso fossem discípulos de Jesus. Por exemplo uma vez, a um escriba judeu que não era seu seguidor, Jesus disse: «*Não estás longe do Reino de Deus*» (Mc 12,34). Ou seja, para Jesus, tanto os seus discípulos como qualquer judeu piedoso que com sincero coração buscasse cumprir a Lei de Deus, era *buscador* do Reino de Deus. Por isso Marcos diz que José «também» buscava o Reino, apesar de não ser discípulo de Jesus.

### A AUDÁCIA DE PEDIR UM CORPO

José de Arimateia era, pois, um judeu que buscava com sinceridade o Reino de Deus. E se, como membro do Sinédrio, buscou provas «*para dar morte a Jesus*» (Mc 14,55), era porque de boa fé estava convencido de que Jesus era culpado de blasfémia (Mc 14,63-64). Por outro lado, se Marcos tivesse querido dizer que José era discípulo de Jesus, podia tê-lo dito claramente, como o fez quando ao contar o enterro de João Batista disse que foi enterrado pelos «*seus discípulos*» (Mc 6,29).

Mas, por que motivo um judeu piedoso e observante da Lei, como José de Arimateia, ia querer enterrar o cadáver de um blasfemo crucificado? Exatamente para cumprir a Lei de Deus. Já vimos como o Deuteronómio ordenava que o cadáver de um morto não ficasse na cruz depois do entardecer. Sobre tudo tendo em conta que no dia seguinte era sábado (Mc 15,42). Tratava-se, pois, de uma obra boa que o fervoroso judeu quis realizar.

Marcos afirma que José de Arimateia «*teve a valentia*» de pedir a Pilatos o corpo de Jesus. Não sabemos porquê, para Marcos, era preciso ter *valentia* para se apresentar perante o governador romano. Talvez porque, ao pedir o corpo de um crucificado por traição, podia atrair as suspeitas sobre si próprio. Embora o facto de ser um membro do Sinédrio o livrasse, em parte, de tais suspeitas.

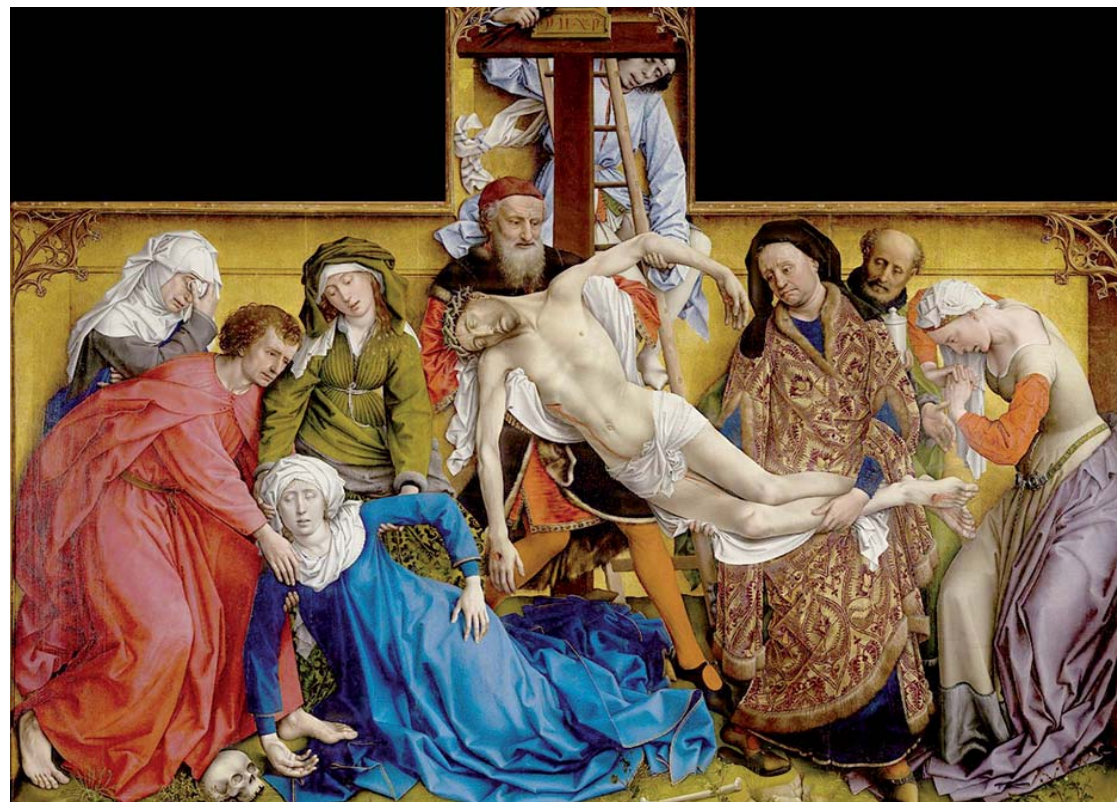
No fim, fosse pela categoria do solicitante, ou por outra razão, Pilatos entregou o corpo de Jesus a José, e este levou-o para ser enterrado.

### APENAS UM HUMILDE LENÇOL

Como foi o enterro que José de Arimateia realizou? Sabemos que, entre os judeus, existiam **duas maneiras de sepultar**:

- uma **honrosa**, para todos os que tinham vivido de um modo digno e nobre. Incluía uma série de ritos: lavar o cadáver, ungi-lo com azeite, untá-lo com perfumes e mirra, vesti-lo com cuidado, penteá-lo, fechar-lhe os olhos, cobrir-lhe a cabeça com um véu e atar-lhe o queixo com um sudário;
- outra **desonrosa**, para os delinquentes, os pecadores e os que morriam de maneira ignóbil. Estes eram atirados para uma fossa comum, isto é, não eram colocados no túmulo familiar.

Painel *A Descida da Cruz*, de van der Weyden (ou Rogier de Bruxelles), que representa a tarefa de retirar da Cruz o corpo de Cristo recém-falecido. O verdadeiro nome do autor era Rogier de la Pasture (Tournai, 1400 – Bruxelas, 18 de junho de 1464), um dos mais notáveis e importantes pintores góticos flamengos, que foi discípulo de Campin.





Mas tão-pouco eram misturados com outros corpos, porque, uma vez que o cadáver se desintegrava, os ossos eram entregues aos seus familiares. A sepultura desonrosa numa fossa comum é mencionada várias vezes na Bíblia (1 Rs 13,21-22; 2 Rs 23,6; Jr 22,18-19; 26,23).

Ora bem: que tipo de sepultura recebeu Jesus? Para a mentalidade judaica, um condenado por ter violado a Lei de Deus não podia receber uma sepultura honrosa. Por isso Marcos não menciona a lavagem do corpo de Jesus, nem a unção com óleos, nem qualquer rito. (Talvez por isso diga, em 16,1, que no domingo as mulheres foram ao túmulo para ungir o corpo com perfumes). Só diz que José, tendo comprado um lençol e descido o corpo da cruz, «o envolveu no lençol». O verbo utilizado por Marcos neste lugar (*eneiléo* = envolver) exprime um ato vulgar, ou seja, a ação mais elementar e simples que José podia ter feito: enrolar o corpo.

Finalmente, Marcos diz que «o colocaram num sepulcro escavado na rocha». Perto do lugar da crucificação devia haver algumas grutas que eram utilizadas como túmulos desonrosos para os criminosos condenados à morte naquele local. Numa dessas grutas, o piedoso judeu José de Arimateia colocou o corpo de Jesus, para que o seu cadáver não permanecesse insepulto ao entardecer daquela sexta-feira.

## AS MULHERES QUE NÃO AJUDARAM

O relato de Marcos menciona um pormenor que às vezes não é tido em conta: as mulheres seguidoras de Jesus só viam de longe onde José depositava o corpo, sem colaborar no enterro (Mc 15,47). Se José fosse um discípulo de Jesus, era incompreensível que essas mulheres não o tivessem ajudado. Mas, se era um membro do Sinédrio, responsável pela condenação de Jesus à morte, que só o enterrou por motivos legais, entende-se a falta de colaboração daquelas piedosas mulheres.

Esta versão do enterro, em São Marcos, coincide com o relato, também muito antigo, do livro dos Atos dos Apóstolos, quando Paulo diz num dos seus discursos: «Os habitantes de Jerusalém e os seus chefes... sem encontrar nele nenhum motivo para lhe dar morte, pediram a Pi-

## A EVOLUÇÃO E AS LIÇÕES DE UM ENTERRO

Como vemos neste artigo, o relato do enterro de Jesus foi evoluindo nos Evangelhos, de acordo com a teologia de cada um.

- Segundo **Marcos**, Jesus foi sepultado por um judeu, membro do Conselho, que tinha votado contra Ele durante o julgamento, e que apenas o inumou para cumprir a Lei judaica; fez-lhe um enterro desonroso, próprio de um malfetor, e pôs o seu corpo numa gruta qualquer, perto do lugar da execução. Mostra, assim, como às vezes as coisas parecem acabar mal e sem esperança, quando na realidade, para quem sabe esperar, late sempre escondida a boa notícia de uma ressurreição.

- Segundo **Mateus**, quem enterrou Jesus foi um discípulo seu, homem rico, que lhe preparou um enterro digno e até lhe cedeu o seu próprio túmulo. Quis mostrar que, mesmo aqueles que parecem estar longe do Reino de Deus, como os ricos, podem entrar nele se souberem desprender-se dos seus bens e usá-los para ajudar os outros.

- Segundo **Lucas**, Jesus foi enterrado por um judeu, membro do Sinédrio, que intuía algo de especial naquele condenado e por isso não votou contra Ele no julgamento. Mostra assim como, para chegar até Jesus, é preciso ser fiel às próprias convicções, embora se tenha de ir contra a opinião dos outros e ficar em ridículo perante eles.

- Finalmente, segundo **João**, o enterro de Jesus foi feito por duas pessoas que o admiravam, mas eram cobardes e medrosas; seguiam-no em segredo, e acabaram por dar a cara no momento mais perigoso, animando-se a mostrar em público a sua estima por Ele. Ensina-nos, assim, que não se pode ser seguidor de Jesus em segredo; só pode dizer que encontrou o Senhor quem dá testemunho cristão em público.

latos que o matasse; desceram-no da cruz e sepultaram-no» (At 13,27-29). Aqui também se diz que aqueles que mataram Jesus (os seus inimigos) foram os mesmos que o sepultaram.

## UM MODELO PARA OS DISCÍPULOS RICOS

Uns dez anos depois de Marcos, **MATEUS** escreveu o seu Evangelho e fez algumas alterações àquele primeiro relato do enterro de Jesus (Mt 27,57-61).

Antes de mais, apresenta José de Arimateia como «discípulo de Jesus», tirando-o do Sinédrio. Mateus transforma, assim, o judeu José num cristão, de modo que o enterro de Jesus não fica nas mãos dos seus inimigos, mas de um fiel seguidor.

Além disso, Mateus acrescenta que José era «um homem rico». É difícil imaginar que Jesus, durante a sua vida, tivesse um discípulo rico. Ele exigia o abandono das riquezas, e dizia: «Como é difícil os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!» (Lc 18,24). Então, por que motivo Mateus transformou José de Arimateia num homem rico? Provavelmente na comunidade de Mateus havia bastante gente rica. De facto, o seu Evangelho menciona quantidades avultadas de dinheiro como os *talentos* (que mais ninguém menciona), fala de moedas de ouro e prata (que não figuram nos outros Evangelhos), não refere a maldição de Jesus contra os ricos (de Lc 6,24), nem a proibição de convidar os vizinhos ricos para uma festa (Lc 14,12), nem a parábola do rico insensato (Lc 12,16-21), nem a do rico epulão condenado ao inferno (Lc 16,1-13).

Os leitores de Mateus, pois, deviam ser pessoas de bom nível económico. E Mateus pensou que José podia muito bem servir de modelo para o discípulo rico, capaz de pôr os seus bens ao serviço do Mestre.

## O DONO DO TÚMULO

Mateus diz que o cristão José pediu o corpo de Jesus a Pilatos, e que este lho concedeu. Aqui, a versão de Mateus é pouco credível. É difícil que o prefeito romano entregasse o cadáver de alguém crucificado como *Rei dos judeus*, a um partidário seu.

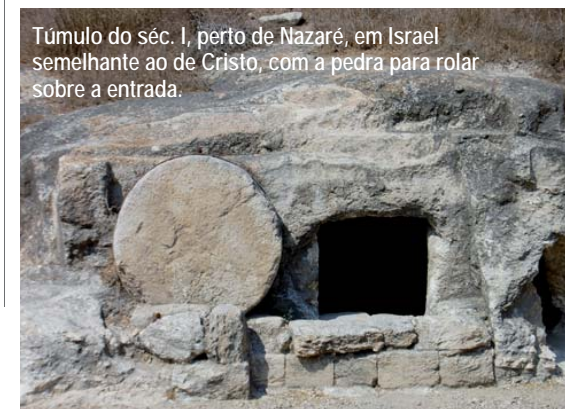
Em seguida, Mateus relata a sepultura de maneira mais digna, própria de um discípulo que se despede do seu mestre. Não diz, como Marcos, que José «desceu o corpo da cruz» (Mc 15,36), de um modo algo tosco, mas que os soldados o desceram e o entregaram quase como uma oferenda, e José «tomou o corpo» (Mt 27,58-59). Tão-pouco diz que «comprou um lençol» à pressa, mas que já o tinha preparado. E não um lençol qualquer, mas um «lençol limpo». Não «envolveu» Jesus, mas «cobriu-o» (o verbo *entylisso* é muito mais elegante). E não «pôs» o corpo no sepulcro (o verbo *katatithemi*, usado por Marcos, soa depreciativamente, porque pode significar “desembaraçar-se de uma carga”), mas «depositou-o» (*tithemi*).

Finalmente, José depositou o corpo num túmulo. Porém, Mateus acrescenta duas novidades: o túmulo era de José e era «novo». Duas características que tornam o enterro de Jesus mais honroso, mas dificilmente credíveis. Como é que um homem rico teria o seu túmulo familiar nas imediações de um lugar onde os criminosos eram executados publicamente?

O último pormenor, das mulheres discípulas que contemplavam de longe sem ajudar, também não encaixa na versão mateiana de um José discípulo de Jesus. Deveriam tê-lo ajudado. Porém, Mateus não se importa com as incoerências resultantes das alterações que ele introduziu.

## DISCORDÂNCIAS NO CONGRESSO

O terceiro evangelista, **LUCAS**, também dá a sua própria versão do enterro de Jesus (Lc 23,50-53). Descreve José de Arimateia como um «homem bom e justo»; isto é, destaca antes de mais as suas qualidades morais e espirituais, algo próprio



Túmulo do séc. I, perto de Nazaré, em Israel semelhante ao de Cristo, com a pedra para rolar sobre a entrada.

do estilo de Lucas a quem agrada apresentar as suas personagens pelos traços interiores.

Para Lucas, José também é judeu e membro do Conselho, não cristão. Mas, como pôde um judeu, membro do tribunal que condenou Jesus, ser um «*homem reto e justo*» (23,50)? Lucas resolve o problema, dizendo que ele «*não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros*». Coloca-o, assim, na “oposição”, entre a minoria do Conselho. É um esforço do evangelista Lucas para salvar a figura de José, embora com pouca coerência, pois um momento antes disse que «*todos*» os membros do Conselho haviam condenado Jesus (Lc 22,70-71) e que «*todos*» o tinham levado a Pilatos para que este o matasse (Lc 23,1); o que também incluía José.

Em Lucas, pois, José não é discípulo de Jesus mas um judeu piedoso, membro do Conselho; mas que, por não ter estado de acordo com os outros colegas, quis enterrar com respeito e compaixão aquele nobre galileu condenado injustamente.

### O FUNERAL DE UM REI

Finalmente, o evangelho de **JOÃO** brinda-nos com a versão mais solene e magnífica do enterro de Jesus (Jo 19,38-42). Tal como Mateus, diz

Albrecht Durer, *Lamentação por Cristo*, 1500. Alte Pinakothek, Munique, Alemanha. Segundo S. João, Nicodemos transportou 40 quilos de especiarias, como se vê neste óleo sobre tela.



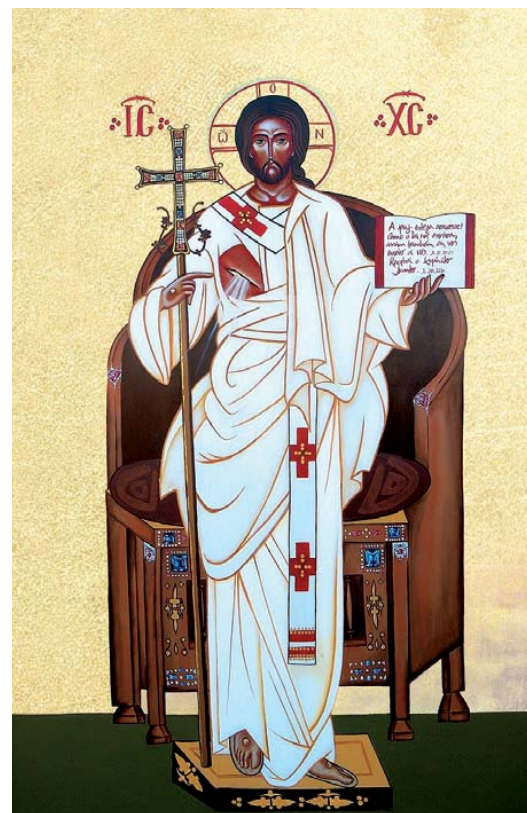
que José «*era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas*». E introduz alguma novidade: que «*Nicodemos, aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também...*». Ou seja, João coloca dois enterradores: o cristão **José** e o judeu **Nicodemos**. Este era um mestre importante e um membro do Conselho (Jo 3,1), mas admirava Jesus e não admitia que fosse condenado sem o ouvir nem investigar as suas ações (Jo 7,50-52).

Os pormenores do sepultamento são fascinantes. Nicodemos apresentou-se levando uma mistura de mirra e aloe, dois pós aromáticos que os judeus colocavam junto dos cadáveres para dissimular o cheiro da decomposição. Mas João diz que Nicodemos levou 40 quilos de especiarias! Uma quantia exorbitante que, se tivesse sido colocado sobre o cadáver de Jesus, tê-lo-ia esmagado. Além disso, é impossível que Nicodemos tivesse podido carregar com tantos quilos. Trata-se, com certeza, de um número simbólico. João descreve aqui o enterro de um rei. De facto, sabemos que, quando o rei Herodes morreu, foram utilizados 500 escravos para carregar os aromas das suas exéquias; e quando morreu o rabino Gamaliel o Velho, queimaram 40 quilos de essências no seu funeral. Para João, o de Jesus não podia ser inferior. Se na cruz fora colocada uma tabuleta que o proclamava «*Rei dos judeus*» (Jo 19,19-20), devia ter um enterro de acordo com a sua dignidade.

«*Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes segundo o costume dos judeus*» – isto é, com a minuciosa perfeição dos fariseus – e realizaram todos os ritos. Não falhou nenhum pormenor no funeral. E como se fosse pouco, terminada a tarefa dirigiram-se ao horto que ficava perto e depositaram o corpo de Jesus num «*túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado*». Trata-se de outro pormenor simbólico de João. Os reis de Judá eram sepultados num jardim (2 Rs 21,18. 26), e o rei David jazia num túmulo de um jardim (Ne 3,16 segundo a versão grega dos Setenta). O rei dos judeus, filho de David, também devia descansar num jardim. Segundo São João, pois, Jesus teve um enterro magnífico, digno de um rei.



## Tempo Pascal



Legenda no Livro da imagem:

A Paz esteja convosco!

Assim como o Pai me enviou,  
também Eu vos envio a vós (Jo 20,20-21).  
Recebei o Espírito Santo (Jo 20,22b).

### do domingo de Ramos ao domingo de Pentecostes

Marcelino Paulo Ferreira  
Pároco na unidade pastoral  
de Ferreiros, Sequeira e Vilaça – Braga

05 de abril

DOMINGO DE RAMOS

**LEITURAS:** 1ª Is 50,4-7. **Salmo** 22/21,8-9.17-18a.19-20.23-24 **Rl** Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes? 2ª Fl 2,6-11. **Ev**: Mt 26,14-27,66. I Semana do Salterio.

### “PARA SE CUMPRIREM AS ESCRITURAS”

O Domingo de Ramos assinala a entrada na Semana Santa. Elemento significativo é a comemoração da chegada de Jesus a Jerusalém (no evangelho da bênção dos ramos). Depois, a celebração mergulha no caminho da doação total da sua vida (no evangelho da narração da Paixão). Uma entrega que não vai acabar na humilhação, mas na exaltação. A meta é a ressurreição!

O protagonista do relato da Paixão é Jesus Cristo: não só do ponto de vista narrativo, mas, sobretudo, ao nível da configuração semântica do texto: percebeu o que ia acontecer e aceitou-o com liberdade, fez-se obediente até à morte. Toda a sua vida manifesta a sua obediência filial ao Pai. Agora, no ato supremo da entrega na cruz, comprova-se essa livre e confiante obediência.

As circunstâncias da Paixão sucedem-se «*para se cumprirem as Escrituras*», segundo o itinerário esboçado desde o início pelo evangelista Mateus.

«*Não só as Escrituras antigas tinham predito aquilo que Jesus havia de realizar, mas Ele próprio quis ser fiel àquela Palavra para tornar evidente a única história da salvação, que n’Ele encontra a sua realização*» (Papa Francisco).

O caminho de obediência filial protagonizado por Jesus Cristo contrasta com a desobediência de outras personagens daquele tempo, do nosso e de todos os tempos. Em latim, obedecer («*abaudire*») quer dizer «*dar ouvidos*», «*ouvir com atenção*»; desobedecer é «*fechar os ouvidos*», «*não prestar atenção*». O discípulo, como o Mestre, abre o ‘ouvido’ do coração para escutar e se deixar conduzir pela palavra de Deus.

**Rezar o Salmo 21(22)**

conforme a proposta litúrgica deste domingo.



12 de abril

DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª. At 10,34a.37-43. **Salmo** 118/117,1-2. 16ab-17.22-23 **RI** *Este é o dia que o Senhor fez: exultamos e cantemos de alegria.* 2ª. Cl 3,1-4. **Evº:** Jo 20,1-9.

## “NÃO TINHAM ENTENDIDO A ESCRITURA”

A Vigília Pascal segue o texto segundo Mateus, em continuidade com a proclamação feita no Domingo de Ramos. A «missa do dia» continua o evangelho segundo João, conforme a celebração da Paixão na Sexta-feira Santa.

A escuridão da noite vai dar lugar à luz da fé. O evangelista não pretende apresentar uma cronologia da experiência pascal, mas uma reflexão sobre a fé na ressurreição.

É demasiado fácil recitar o “Credo”; mas, para o professar com fé é preciso ter o coração cheio da vida nova do ressuscitado.

A conclusão do evangelho tem uma indicação preciosa dada pelo evangelista João, em sintonia com o plano de Mateus: «*ainda não tinham entendido a Escritura.*»

Hoje, continua a não ser fácil proclamar com convicção o mistério central da fé cristã. Para ultrapassar o «*ainda não tinham entendido a Escritura*», é preciso dispor-se a percorrer, sem pressas, um caminho interior (à imagem dos discípulos de Emaús), deixando-nos instruir pelas palavras e gestos de Jesus Cristo.

«Durante esta semana, far-nos-á bem pegar no Livro do Evangelho e ler os capítulos que falam sobre a Ressurreição de Jesus. Far-nos-á muito bem! Pegai no Livro, procurai os capítulos e lede-os» (*Papa Francisco*).

A Ressurreição tudo envolve com uma luz intensa, a começar pelas mulheres, as primeiras discípulas, passando por Pedro, João e todos os outros, por Paulo e pelas primeiras comunidades cristãs, de geração em geração, até ao nosso tempo, até ao fim dos tempos.

**Rezar o Salmo 117 (118)**

conforme a proposta litúrgica deste domingo.

19 de abril

II DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª. At 2,42-47. **Salmo** 118/117,2-4.13-15. 22-24. **RI** *Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia.* 2ª. 1 Pe 1,3-9. **Evº:** Jo 20,19-31. II Semana do Salterio.

## “FELIZES OS QUE ACREDITAM”

O Segundo Domingo de Páscoa é o **Domingo da Divina Misericórdia**. É também o domingo que nos guia entre a dúvida e a alegria da fé.

O relato segundo João, comum aos três ciclos litúrgicos, é tecido com diversos traços tão ricos quanto belos.

Uma nova bem-aventurança: «*Felizes os que acreditam sem terem visto.*» O Papa Francisco chama-lhe a bem-aventurança da fé: «São bem-aventurados aqueles que, através da Palavra de Deus, proclamada na Igreja e testemunhada pelos cristãos, acreditam que Jesus Cristo é o amor de Deus encarnado, a Misericórdia encarnada. E isto é válido para cada um de nós.»

A conclusão surge como uma censura à atitude de Tomé, que tinha reclamado ver para acreditar. Daqui resultou o adágio popular de quem reclama algo mais «visível» do que o testemunho dos outros: “Ver para crer, como São Tomé.”

O evangelista refere que Tomé é também chamado «Dídimo», ou seja, «Gémeo». Em cada um de nós habita um ‘Tomé’. Nós somos seus irmãos gémeos! Bom seria que o fôssemos em tudo e não apenas na exigência do «ver para crer». Na verdade, é a Tomé, alegadamente apanhado em flagrante incredulidade, que devemos a confissão de fé mais profunda, uma das mais belas orações contemplativas de todos os evangelhos: «Meu Senhor e meu Deus!»

O que se afigurava negativo, hoje pode despertar uma nova oportunidade para a fé. Afirmou S. Gregório Magno: «A incredulidade de Tomé é mais útil à nossa fé do que a fé dos discípulos que acreditam».

**Rezar o Salmo 117 (118)**

conforme a proposta litúrgica deste domingo.

26 de abril

III DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª. At 2,14.22-33. **Salmo** 118/117,2-4.13-15.22-24. **RI** *Mostrai-me, Senhor, o caminho da vida.* 2ª. 1 Pe 1,17-21. **Evº:** Lc 24,13-35. III Sem. do Salterio.

## “ARDIA CÁ DENTRO O NOSSO CORAÇÃO”

O episódio de Emaús, exclusivo de Lucas (capítulo 24), situa-se entre a experiência feita por Maria Madalena e a outra Maria, ao raiar do primeiro dia da semana (versículos 1 a 12) e a experiência vivida pelos discípulos (versículos 36 a 53), quando os de Emaús terminavam de contar o que lhes tinha acontecido, na tarde desse dia.

Estes discípulos fazem parte dos que não acreditaram nas mulheres (cf. 24,9-11: «*não acreditaram nelas*»). Agora, passam da fuga pela aparente certeza do fracasso ao regresso pela certeza da ressurreição.

A narração desenvolve-se através de uma tensão progressiva, na qual o ponto de partida lhes oculta uma realidade já conhecida desde o início do texto pelo ouvinte/leitor: Jesus Cristo é o seu companheiro de viagem. Ao pôr-se «*com eles a caminho*», Jesus fá-los passar da incompreensão ao entendimento das Escrituras, da dúvida à fé, da tristeza à alegria, da frieza ao ardor do coração, da fuga ao compromisso missionário.

«Cada cristão, revivendo a experiência dos discípulos de Emaús, especialmente na Missa dominical, redescubra a graça do encontro transformador com o Senhor, com o Senhor ressuscitado, que está sempre connosco. Há sempre uma Palavra de Deus que nos orienta depois das nossas debandadas; e apesar dos nossos cansaços e desilusões, há sempre um Pão repartido que nos faz continuar o caminho» (*Francisco*).

Eis o que pode ser o nosso caminho: o Ressuscitado, na eucaristia, vem atear no coração o fogo da fé e da esperança e partilhar o pão da vida eterna.

**Rezar o Salmo 15 (16)**

conforme a proposta litúrgica deste domingo.

03 de maio

IV DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª. At 2,14a.36-41. **Salmo** 23/23,1-3a.3b-4.5.6. **RI** *O Senhor é meu pastor: nada me faltará.* 2ª. 1 Pe 2,20b-25. **Evº:** Jo 10,1-10. IV Sem. do Salterio.

## “AS MINHAS OVELHAS TENHAM VIDA”

O Quarto Domingo de Páscoa é sempre **Dia Mundial de Oração pelas Vocações**. É o domingo do Bom/Belo Pastor, do décimo capítulo do evangelho segundo João, nos três ciclos litúrgicos.

A imagem do pastor e das ovelhas é recorrente em toda a Sagrada Escritura. Era uma realidade presente e conhecida, naquele tempo e naquela cultura. Hoje, nos nossos ambientes, permanecerá válida?

Apesar de se ter perdido a sua beleza, a imagem não será difícil de entender: como um pastor conhece e deseja o melhor para as suas ovelhas, assim o Bom Pastor cuida de nós, seus discípulos missionários.

A frase merece ser repetida, como refrão: «*Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.*»

A Páscoa é a vitória da vida, a vida nova do Ressuscitado, vida abundante que nos enche de paz e de alegria. Eis o objetivo deste capítulo joanino: Jesus Cristo vem para dar a vida e para nos dar a vida.

A dádiva é plena. Assim o exprime o reforço da palavra «abundância». Hoje, como ontem, há muitos cansados e oprimidos, quer pela dureza das circunstâncias da vida, quer pela rigidez das normas religiosas. É preciso recuperar a «abundância» prometida por Jesus Cristo!

O Ressuscitado não quer uma relação alicerçada no medo; quer uma relação pessoal dinamizada pelo amor abundante, que dá pleno sentido à vida. Não se trata de procurar o mínimo da existência, ou o necessário para (sobre)viver, mas de sejar uma vida plena, vida em abundância.

**Rezar o Salmo 22 (23)**

conforme a proposta litúrgica deste domingo.

10 de maio  
VI DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª: At 6,1-7. *Salmo:* 33/32,1-2.4-5.18-19. *Rl* *Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia.* 2ª: 1 Pe 2,4-9. *Ev*º: Jo 14,1-12. I Semana do Saltério.

## “O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA”

O fragmento do evangelho pertence aos discursos da despedida, compilados pelo evangelista São João, no contexto da Última Ceia.

O seu ensino é apresentado à maneira de um testemunho espiritual, que pode resumir-se nesta expressão-chave: «*Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*»

**Jesus Cristo é o caminho.** A palavra remete para movimento, peregrinação: é o «caminho» que conduz à «casa» do Pai, como se deduz do diálogo com Tomé. Certamente, Jesus Cristo não me isenta de dúvidas e interrogações; mas, unido a Ele, tenho a meta, a «morada» na «casa» do Pai. Além disso, este caminho tem um duplo sentido: Em Jesus Cristo, *Deus vem* ao nosso encontro *para que cada um vá* ao encontro com Deus.

**Jesus Cristo é a verdade.** A afirmação contraria o engano e a mentira. Aponta para a fé e a confiança. O Mestre não nos dá uma doutrina ou código de conduta para alcançarmos a salvação; convida-nos a não termos um coração perturbado, mas acreditarmos n'Ele, que é a verdade.

A fé é fruto de um encontro pessoal com Aquele «que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (cf. *A Alegria do Evangelho*, 7).

**Jesus Cristo é a vida.** O conceito depara-se com a barreira da esterilidade e da morte. O Mestre oferece uma vida sem limites. Uma oferta que não é apenas futura, mas já começa nesta existência terrena.

A herança que nos é dada é a sua vida unida ao Pai como, «caminho» para encontrarmos a «verdade» e nele vivermos para sempre.

**Rezar o Salmo 32 (33)**  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.

17 de maio  
VI DOMINGO DE PÁSCOA

**LEITURAS:** 1ª: At 8,5-8.14-17. *Salmo:* 66/65,1-3a.4-5.6-7a.16 e 20. *Rl* *A terra inteira aclame o Senhor.* 2ª: 1 Pe 3,15-18. *Ev*º: Jo 14,15-21. II Semana do Saltério.

## “EU VIVO E VÓS VIVEREIS”

O Sexto Domingo de Páscoa deste Ano A, já nos faz sentir a proximidade da Ascensão e do Pentecostes, cume da experiência pascal.

Os discípulos estão à mesa e escutam as palavras de despedida do Mestre. Ele quer infundir-lhes confiança e coragem, promete-lhes uma presença permanente.

O trecho apresenta o primeiro dos cinco anúncios da vinda do Espírito Santo, no plano global do evangelho segundo João.

A ausência física de Jesus Cristo não é afastamento. Ele promete aos seus discípulos que não ficarão órfãos. Voltará a estar presente, ainda que invisível, até ao fim dos tempos: «*Eu vivo e vós vivereis.*» Desta feita, para «ver» são precisos os olhos da fé.

Jesus Cristo não ficou preso na morte: ressuscitou e agora vive para sempre. Na eucaristia é onde melhor se manifesta, pela visão da fé, a sua presença viva: na comunidade reunida, na palavra proclamada, no pão e no vinho, alimentos que nos deixou para o caminho.

A nossa vida une-se à de Jesus Cristo através do Espírito Santo, dom prometido para estar conosco, para habitar sempre em nós. O Espírito Santo, dom «que procede do Pai e do Filho», é o «Senhor que [nos] dá a vida», como professamos no Credo.

Através do Espírito Santo, «a própria vida de Deus é participada pelo ser humano. Mediante os sacramentos da Igreja [...], aquela vida é incessantemente comunicada aos filhos de Deus» (João Paulo II, *O Evangelho da vida*, 51).

Este é o objetivo da missão de Jesus Cristo: dar-nos a vida no Espírito Santo, para sermos confiantes e alegres.

**Rezar o Salmo 65 (66)**  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.

24 de maio  
VII DOMINGO DE PÁSCOA / ASCENSÃO

**LEITURAS:** 1ª: At 1,1-11. *Salmo:* 47/46,2-3.6-7.8-9. *Rl* *Por entre aclamações e ao som da trombeta, ergue-Se Deus, o Senhor.* 2ª: 1 Pe 3,15-18. *Ev*º: Jo 14,15-21. III Semana do Saltério.

## “EU ESTOU SEMPRE CONVOSCO”

A Ascensão, celebrada entre nós ao domingo – o dia exato é a quinta-feira anterior, o quadragésimo após a ressurreição – sublinha a ligação com a Páscoa, pois o «Dia do Senhor» é, por excelência, o dia da celebração pascal.

Mateus descreve a última manifestação de Jesus Cristo, não em Jerusalém, mas na Galileia, tal como tinha sido anunciado às mulheres. O local geográfico do início da missão do Mestre torna-se também o ponto de partida da missão dos discípulos. A sua presença vai continuada: «*Eu estou sempre convosco.*» Tinha prometido estar presente quando dois ou três se reunissem em seu nome (cf. Mateus 18,20); agora, o evangelista recorda a promessa com a inclusão significativa dos termos «*sempre*» e «*até ao fim*».

No início do evangelho, ao aparecer em sonhos a José, o anjo diz-lhe que o menino vai chamar-se «Emanuel», que quer dizer «Deus conosco» (Mateus 1,23). Aqui, já no final, temos a garantia de que Jesus Cristo é sempre «Deus conosco», mesmo que fisicamente ausente.

A sua presença é sem barreiras. O tempo e o espaço não são um impedimento para Jesus ser «Deus conosco». Ele não está nos anais da história como um defunto que é recordado pelos seus feitos. Está vivo, está conosco.

A vida (cristã) é envolvida pela luz do Ressuscitado. Por isso, em tempos de crise pessoal ou comunitária, quando surgir a tentação de enveredar por fáceis lamentações catastróficas, o cristão jamais deve perder a confiança; antes, deve avivar a esperança que sempre o sustenta «*até ao fim dos tempos.*»

**Rezar o Salmo 46 (47)**  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.

31 de maio  
DOMINGO DE PENTECOSTES

**LEITURAS:** 1ª: At 2,1-11. *Salmo:* 104/103, 1abc.24ac. 29bc-30.31.34. *Rl* *Enviai, Senhor, o vosso Espírito e renova a face da terra.* 2ª: 1 Cor 12,3b-7.12-13. *Ev*º: Jo 20,19-23.

## “RECEBEI O ESPÍRITO SANTO”

O Pentecostes é a plenitude da celebração pascal. Nele, completam-se os cinquenta dias de festa e de alegria inaugurados com a ressurreição de Jesus Cristo.

O evangelho segundo João situa o dom do Espírito Santo no próprio dia (domingo) de Páscoa, na aparição de Jesus aos discípulos depois de se ter manifestado a Maria Madalena, nas proximidades do sepulcro vazio.

No Cenáculo, Jesus Cristo volta a soprar sobre os discípulos, como Deus tinha insuflado o alento de vida na simbologia do (primeiro) ato criador. É uma nova criação!

«*Recebei o Espírito Santo*»: estas palavras continuam a ser proclamadas no presente.

Hoje, recebemos de novo o Espírito Santo, o mesmo recebido no Batismo, na Confirmação, em todos os sacramentos, e em tantas outras ocasiões.

Os primeiros discípulos, inundados pelo Espírito Santo, venceram o medo, partiram corajosos a proclamar a alegria do Evangelho.

Isaac de Nínive lembrou que «quando o Espírito estabelece a sua morada no ser humano, este já não pode deixar de orar, o Espírito não cessa de orar nele. Adormecido ou desperto, a oração não se afasta do seu coração. Quando bebe, come, dorme ou trabalha, o perfume da oração exala da sua alma».

Hoje, continua a desafiar-nos a prosseguir a aventura inaugurada por Jesus Cristo. Envia-nos pelo mundo para anunciar e testemunhar o amor de Deus que renova todas as coisas. A missão confiada aos discípulos, a mesma que nos é confiada, precisa da dinâmica do Espírito Santo.

**Rezar o Salmo 103 (104)**  
conforme a proposta litúrgica deste domingo.



## A Entrada triunfal

(Mt 21,1-11; Mc 11,1-11a; Lc 19,29-40; Jo 12,12-19)

Com o Domingo de Ramos inicia-se a Semana Santa. Jesus Cristo, sentado sobre um burrico branco e seguido pelos seus discípulos, é aclamado pela multidão como Messias, às portas de Jerusalém. Este ícone, de 1546, foi escrito por Teófanos de Creta, de quem já analisámos o Pentecostes (no nº 282 desta revista); ambos se encontram no Mosteiro de Stavronikita, no Monte Áthos (Grécia).

frei António-José d'Almeida, OP / Convento de Cristo Rei, Porto

**A**o cimo do ícone, está a inscrição em grego <sup>h</sup>Ε ΒΑΥΟΦΘΟΡΟΣ (=o trazer de ramos). Segue o esquema das representações do *Adventus* de um imperador romano a uma cidade. Mas além da cidade, outros dois elementos ocupam o cenário da composição: uma escarpada montanha e uma árvore. Dos três se falará em seguida, na descrição.

**Ao centro** deste ícone, sobre a **nossa esquerda**, vemos Nosso Senhor Jesus Cristo avançar para a sua Paixão, servindo-lhe de trono o dorso do burrico branco em que vai sentado. O Senhor, Luz verdadeira (Jo 1,9-12), tem a cabeça cercada por um nimbo crucífero; abençoa com a mão direita e na mão esquerda segura o rolo das nossas dívidas (Cl 2,14).

Atrás de Cristo, a **montanha** oblíqua representa o Monte das Oliveiras, de cujo seio surgem os apóstolos, que O seguem. Segundo a tradição, numa gruta desse monte Jesus ensinou os discípulos; sobre ela, foi

edificada a basílica constantiniana de Eleona. À frente dos apóstolos vai Pedro, com quem Jesus dialoga, querendo o pintor aludir, com isto, ao anúncio da Paixão (Mt 15,21-23).

No **centro geométrico** do quadro está uma alta árvore, inclinada para a nossa esquerda, em cuja copa se vê um menino com uma foice cortando-lhe ramos. Esta árvore alude à Cruz, na qual dentro de poucos dias Jesus Cristo será cravado e salvará o mundo pelo seu sacrifício voluntariamente aceite.

**Na parte inferior**, outros meninos despojam os mantos e cobrem com eles o chão por onde o burrico vai passar com Jesus em cima. A presença dos meninos faz alusão ao salmo 8, 3 citado pelo evangelista S. Mateus mais adiante, depois da purificação do Templo (Mt 21, 15-16). São estes meninos que verdadeiramente acolhem Jesus como o Filho de Deus.

No **nosso lado direito**, vê-se a cidade amuralhada de Jerusalém, para onde Jesus Cristo

se dirige, seguido pelos seus discípulos. No centro da cidade, destaca-se o edifício amarelado do Templo, de planta centrada, encimado por uma cúpula e coberto por telhados verdes.

Saindo da cidade por uma porta, uma turba de homens adultos dirige-se ao encontro do Messias, segurando o da frente, na mão direita, um pequeno ramo. Um pormenor anedótico do nosso ícone é o do menino diante desse primeiro homem, a ver o seu ramo abençoado pelo burrico; este, que para isso abaixa a cabeça, figura a humilhação d'Aquele que o monta, e vai ser exaltado (Fl 2,6-11).

O aspeto monolítico da cidade e da turba refletem a dureza de coração dos habitantes de Jerusalém, sobre os quais Jesus tinha chorado pouco antes (Lc 19,41-44); estavam dispostos a acolher um Messias político, mas não o Rei da Glória (ver Salmo 24/23). A eles se opõe o grupo dos discípulos, que seguem

Jesus, e são, por isso, os habitantes da nova Sião (Is 2,2-5), a que a **montanha do nosso lado esquerdo** faz alusão.

Este ícone é uma síntese da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, agora nos céus (a que alude o ouro

do fundo), entronizado sobre os querubins, como é dito nos textos bizantinos da festa.



Teófanos de Creta, A Entrada triunfal (1546). Mosteiro atonita de Stavronikita.





## Amigos do Presépio

1. No dia 04 de janeiro de 2020 foi inaugurado em Fátima, no Centro Bíblico dos Capuchinhos (Avenida Beato Nuno, 407), o espaço museológico **EVANGELHO DA VIDA**, destinado a acolher e expor uma considerável **Coleção de Presépios**. Trata-se de um novo polo cultural e de evangelização, a juntar ao JARDIM BÍBLICO ali disponibilizado ao público pelos Franciscanos Capuchinhos desde 2003, e à DIFUSORA BÍBLICA que edita e divulga a Sagrada Escritura.

2. Esta **Coleção visitável** de Presépios tem como **objetivos** transmitir a mensagem do Nascimento de Jesus Cristo revelada na Bíblia e a interculturalidade de expressões concretizadas nos Presépios (o direito à vida, à diferença e à mútua complementaridade), que o seu anúncio motivou em todos os povos do mundo.

3. A melhor forma de o conseguirmos, é **divulgar e apoiar** esta iniciativa.

4. Pensamos que será possível concretizá-lo através do **Grupo dos AMIGOS DO PRESÉPIO**, que o alarguem também aos seus familiares e amigos, para:

1) **IMEDIATAMENTE: ajudar a sua construção**, com uma joia destinada a devolver parte da entrada que a Província Portuguesa da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, proprietária da Coleção, avançou para concretizar o projeto; os que entrarem até ao dia 25 de março de 2020 com 500 euros ou mais, serão Amigos Fundadores.

2) **NO FUTURO:** a) **garantir a sua manutenção**, complementando as entradas com uma joia para cobrir os custos mensais fixos; editar o Guia de Visita, a folha de sala e o Catálogo para guias e estudo; pagar conferências ou colóquios a realizar; adquirir novos Presépios e restaurar os que o necessitem.

b) **apoiar as suas iniciativas:**

- disponibilizando-se para o corpo de guias habituais;
- promovendo e guiando visitas a partir do seu meio;
- colaborando em exposições temáticas temporárias, encontros de estudo e conferências a realizar sobre temas e valores propostos na **Coleção**.

5. A **joia** de que fala o nº 4.1) é para ser enviada logo que possível; as outras, em qualquer altura do ano. E todas diretamente para esta **conta bancária** identificada:

**BANCO:** CGD (Caixa Geral de Depósitos) | **AGÊNCIA:** Fátima

**NOME:** Província Portuguesa dos Padres Missionários Capuchinhos

**IBAN:** PT50 0035 0304 00015799 930 64 | **SWIFT/BIC:** CGDIPTPL

6. A joia dos **artesanos** (*ou particulares*) pode ser um presépio significativo da sua arte (*ou coleção*), que valorize a Coleção e mereça figurar na Exposição permanente ou nas temporárias.

7. A quem o desejar, será passado um **recibo**, para os devidos descontos no IRS.

8. Aos **AMIGOS DO PRESÉPIO** será entregue um **cartão**, que dará entrada gratuita no espaço museológico ao próprio e aos seus familiares diretos.

9. O dia **25 de março**, Solenidade do Anunciação do Senhor, nove meses antes do Natal e data em que o Papa João Paulo II assinou a Encíclica **EVANGELHO DA VIDA** (1995), será o **dia oficial** dos **AMIGOS DO PRESÉPIO**. Em 2020, no sábado seguinte (28) haverá uma assembleia informal, previamente convocada, para concretizar outros pormenores que até lá forem considerados necessários em ordem ao futuro e para constituir formalmente o Grupo.

Para alguma informação: [colegaodepresepios@gmail.com](mailto:colegaodepresepios@gmail.com)

## DOSSIÊ

## EVANGELHO DA VIDA

### O Menino em cima da Cruz

A propósito do tema deste DOSSIÊ, evoco a Festa das Cruzes de Cerzedelo, uma vila do Concelho de Guimarães, de que tive conhecimento em 1996 e logo me surpreendeu pela sua originalidade. É celebrada no primeiro domingo de maio, portanto no tempo litúrgico da Páscoa.

Na vila, 16 cruzes em madeira trabalhada com símbolos são acolhidas por outras tantas famílias, passando de geração em geração pelo membro que assume o encargo de a guardar durante o ano e mostrar no dia da Festa. Na véspera da Festa, a Cruz é enfeitada com pétalas de flores fixadas nos relevos da madeira com cola de farinha triga; e no dia, é colocada num pedestal em pedra, em local fixado pela tradição, encimando-a com a imagem do Menino Jesus.

O Menino Jesus em cima de uma cruz: eis a grande originalidade desta Festa, que consta de três momentos. **De noite**, fazem-se tapetes de flores e serrim pintado nas ruas por onde vai passar a *Procissão dos Entrevados*. **De manhã**, nesta Procissão, o Senhor é levado na píxide pelo pároco, sob o pálio, seguido por toda a gente ao som da Banda Musical e da fanfarra dos Escuteiros locais, parando diante da casa de cada *entrevado* previamente inscrito, para lhe dar a comunhão e ali rezar com a família, repetindo-se o rito em cada casa. **À tarde**, a *Procissão das Cruzes* sai da igreja, percorre o espaço em volta da Capela do Calvário, parando diante de cada uma das 16 cruzes onde está reunida a respetiva família, que o padre abençoa com o Santo Lenho.

Em 2004 pediram-me para pregar no fim desta procissão, antes da Missa. E propus-me explicar o sentido daquela raridade. Não vendo a



Entrada para o novo espaço museológico, em Fátima.

resposta em nenhum livro, dei a minha interpretação pessoal, que resumo:

a) Esse Menino proclama que a cruz não é sepulcro, mas berço: a morte de Cristo não foi um fim, mas um princípio. Jesus de Nazaré cresceu, morreu na cruz, mas ressuscitou.

b) Esse Menino é o “homem novo” nascido na Páscoa das águas do Batismo.

c) Esse Menino diz-nos que o Natal nasce da Páscoa. O anúncio dos Apóstolos acerca de Jesus começou pela sua Paixão-Morte-Ressurreição (At 2,22.24.32). A escrita dos Evangelhos teve início no “Mistério Pascal” de Jesus, recuando depois até à sua vida pública e só finalmente ao seu nascimento e à sua infância.

Por isso, a Festa e o Tempo da Páscoa começaram antes do ciclo litúrgico do Natal, e o Tempo do Advento foi decalcado da Quaresma. A igreja primitiva gerava os novos cristãos pelo Batismo, na vigília Pascal. E hoje, a Festa-Mãe de todas as Festas do ano é a Páscoa, não o Natal; sem Páscoa, o Natal não faria sentido.

Nas páginas seguintes, há de ver a que propósito vem tudo isto.

Lopes Morgado



## “Evangelho da Vida”

Em 25 de março de 1995, João Paulo II publicou a Encíclica “O Evangelho da Vida”. 9 meses depois, em 25 de dezembro, fizemos em Fátima a primeira Exposição de Presépios com o mesmo nome. E com o mesmo nome inaugurámos, a 04 de janeiro deste ano, um novo espaço museológico. No próximo dia 28 de março, celebraremos os 25 anos daquela Encíclica, lançando o grupo dos AMIGOS DO PRESÉPIO (ver pág.16).

Lopes Morgado *texto* / José Luís Caetano *imagens*

18

Evangelho da vida

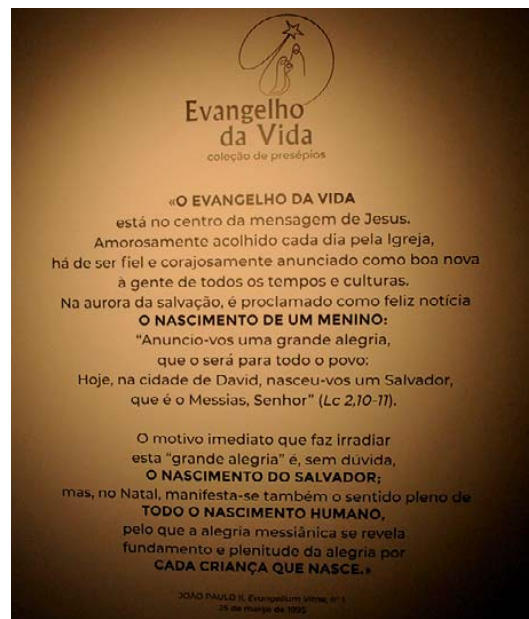
O Centro Bíblico dos Capuchinhos, em Fátima, tinha, desde 2003, um **JARDIM BÍBLICO** para cuidar e contemplar a **Criação**, que é a primeira palavra de Deus. E também a **DIFUSORA BÍBLICA**, fundada em 1955, onde a Palavra da **Revelação** de Deus é transmitida na *Sagrada Escritura*, na Revista *Bíblica* e em cursos e semanas confrontando a vida com a Bíblia. Faltava-lhe destacar a **Encarnação**, pela qual a Palavra de Deus se fez Homem em cada pessoa. Os quase 2000 presépios, que vínhamos acolhendo desde 1993, foram o pretexto e a oportunidade. E surgiu esta **COLEÇÃO** *visitável* (nome jurídico).

Porém, apesar do subtítulo, o nosso principal objetivo com este espaço museológico não foi organizar, de modo permanente, uma exposição de presépios. Longe disso.

**EVANGELIZAÇÃO e CULTURA.** Este espaço é mais um polo de Evangelização e Cultura, que se vem juntar aos outros dois aqui existentes. Por isso, nele queremos falar da VIDA nas suas várias dimensões: física, natural, espiritual, cultural e artística. Deste modo, o Presépio surge no contexto de toda a história bíblica, desde a promessa cumprida de um Deus conosco até à vitória de Jesus Cristo sobre o pecado e a morte, passando pelo Nascimento de um Menino proclamado Filho de

Deus e Senhor depois da sua morte e ressurreição, em quem toda a vida ganha sentido.

Aqui, apresentamos o Roteiro proposto nesta Coleção. Em seguida, vários colaboradores formados em Sagrada Escritura propõem o sentido do texto bíblico em que se inspiram os quatro primeiros módulos da exposição.



### I. AS FONTES

À entrada, acolhe-nos o Logótipo de identidade da Coleção. Dentro, o **I NÚCLEO**, com o texto do evangelho de João 1,1.4, fala das Fontes, que são: a *Sagrada Escritura*, a Encíclica *Evangelho da Vida*, a *Liturgia*, a *Arte* e a *História*.

Numa vitrina surge a *Bíblia* editada pela Difusora Bíblica, no formato grande (aberto no relato do Nascimento de Jesus segundo S. Lucas) e normal; a Sinopse dos *Evangelhos da Infância de*

*Jesus*; medalhas de *Jesus Cristo* (centro da Mensagem) e dos *evangelistas* Mateus, Marcos, Lucas e João; *gravuras* de Missais antigos, que remetem para a liturgia do Natal, nomeadamente uma grande com a adoração dos pastores, ao lado da vitrina. E um exemplar da **Encíclica**.

Na parede da esquerda, ligando a fonte da Bíblia com a da **História** que dizemos mestra da vida, somos conduzidos entre o primeiro número da Encíclica de João Paulo, que dá nome à Coleção, e o último com a oração à Mãe dos Videntes.



19



**Cristo**, no ícone de S. Damião, garante: «*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*» (João 10,10). Várias imagens, históricas e simbólicas de outras paralelas, falam da **grandeza e valor da vida humana** (centrada na Família) e dos atropelos contra ela: apresentação de uma criança recém-nascida, Holocausto, bomba de Hiroshima, atentado às torres gêmeas de NY, guerra na Síria, poluição da nossa Terra e manifestação apelando ao seu cuidado, solidão de uma idosa à janela, jovem marginalizado... e novamente a esperança possível na criança ao colo de um adulto. Conclui-se com a oração **À Mãe dos Viventes**.

## II. A PROMESSA O Sinal de Deus

O texto de Isaías 7,14, que encabeça o **II NÚCLEO** da exposição, é acompanhado por um **vitral** com a **Promessa do Redentor**, cujo original se encontra na igreja do Seminário do Verbo Divino, à Rotunda Norte, em Fátima.

Sobre a curva para a direita, roda a escultura, em barro, de um **Menino Bom Pastor**, com as várias cenas do Evangelho da Infância de Jesus, em relevo.



Imagem do Menino Bom Pastor, por Delfim Manuel, Rebordões, Santo Tirso.

Já na descida para o interior da grande mostra da **COLEÇÃO**, sobre a parede da esquerda podem ver-se as **Genealogias de Jesus Cristo** segundo Mateus (*descendente*) e Lucas (*ascendente*), ícones da sua **Árvore genealógica**, o roteiro bíblico **Dos Profetas a Cristo** e uma transparência da **Anunciação**, de Vasco Fernandes (século XVI), do Museu Nacional Grão Vasco, em Viseu.

## III. O CUMPRIMENTO Encarnação do Verbo

**3.1. «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho nascido de uma mulher.»** O primeiro apartado do **III NÚCLEO** assenta no texto de São Paulo aos Gálatas 4,4-5, lido na Missa do 1º dia do ano.

É o primeiro do Novo Testamento a falar da Mãe de Jesus e de seu Filho, mas sem lhes referir os nomes; a evangelização do Apóstolo centrava-se na Páscoa de Jesus, e não no seu Nascimento.

Por isso, na vitrina apenas se mostram **imagens da Mãe e do Filho**, juntos ou sós, em peças de Portugal, Madagáscar, Angola, Vietname, Turquia, Espanha, Itália e Taiwan.



A imagem à esquerda é "Nossa Senhora da Palavra", de José Franco, Sobreiro/Mafra (1920-2009), 1991.



«Santo Agostinho afirma que a Virgem Maria concebeu o Filho de Deus no seu coração, pela fé, antes de o conceber no seu ventre (Discurso, 25,4), concebeu primeiro a fé e depois o Senhor. Este mistério do acolhimento da graça, que em Maria, por um privilégio único, não tinha o obstáculo do pecado, é uma possibilidade para todos nós.»

PAPA FRANCISCO.  
Oração do "Angelus" de 08 de dezembro de 2014.

«Maria, Mãe do Senhor e causa da nossa esperança, nos tomara pela mão como mãe dulçíssima e nos conduziu ao menino no presépio. Aquele que é simultaneamente ao Senhor e o Redentor do mundo, enquanto o grande coro celeste louva a Deus: «Gloria a Deus nas alturas. E paz na terra aos homens por Ele amados» (Lc 2,14).»

Declaração Final do aniversário especial para a Europa, 1991:  
«Sejam os testemunhos de Cristo que nos liberou»





Ao lado: Presépio de Fontanini, Toscana, Lucca, Itália. Marfinito e madeira, 1993.

Alguns dos maiores presépios, a partir da esquerda: Itália, RP da China, Irmãzinhas de Jesus, Delfim Manuel..., e o do Peru em armário, ao fundo.

## IV. O ANÚNCIO

### Inculturação da Mensagem

22

Evangelho da vida

**4.1. O quérigma inicial.** O **IV NÚCLEO** parte do mandato de Cristo aos Apóstolos, segundo São Marcos 16,15: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura». O primeiro anúncio dos Apóstolos foi acerca da morte e ressurreição

de Jesus, de que eles eram testemunhas (At 2,22-36; 13,32-33). Daí se verem, na vitrina, **imagens de Cristo crucificado e de Cristo ressuscitado; e outras em que a liberdade dos artistas junta o Senhor na cruz e o Menino no presépio.**

**4.2. Do anúncio da ressurreição ao do Natal.** Só Depois é que veio o anúncio do mistério do seu Nascimento em carne humana, como Deus ver-



dadeiro desde o princípio (1ª Carta de João 1,1-3). Este anúncio levou à **inculturação da Mensagem**, como quem diz: ao falar desse mistério, cada povo representou-o segundo a sua cultura e os seus costumes, incluindo a fisionomia, a paisagem e os animais do seu meio. **Nesta COLEÇÃO, isso é mostrado e organizado por Continentes:**

• **ÁFRICA:** Angola, África do Sul, Argélia, Burundi, Cabo Verde, Egito, Etiópia, Guiné Bissau, Haiti, Madagascar, Moçambique, Níger, Quênia, RD do Congo, Ruanda, S. Tomé, Senegal, Suazilândia, Tanzânia, Tunísia e Zimbabué.

• **AMÉRICA: do Norte** – Canadá e EUA; **do Sul** – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru e Venezuela.

• **ÁSIA:** Bangladeche, Birmânia, Cazaquistão, Coreia do Sul, Filipinas, Geórgia, Índia, Indonésia, Japão, Jordânia, Palestina, Taiwan, Rússia, Tailândia, Timor-Leste, Turquia e Vietname.

• **EUROPA:** Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Espanha, Estónia, França, Grécia, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Itália, Lituânia, Malta, Polónia, República Checa, Suécia e Suíça.

• **OCEÂNIA:** Austrália.



Maria do Céu Ferreira, pintura/vitral. Porto, 2012.



## V. SÃO FRANCISCO E O PRESÉPIO “Paz e Bem”

Esta COLEÇÃO é da Província Portuguesa da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Por isso, neste **V NÚCLEO** destaca-se a relação do seu Fundador, **S. Francisco de Assis**, com a **Encarnação** e a Paixão de Cristo. Num **vídeo**, pode ver-se a celebração original que ele promoveu com o povo no monte **Greccio**, em Itália, no ano de 1223, para lhe anunciar o amor e a pobreza do Menino Jesus ao nascer num pesebre de animais, e de sua Mãe, a “Senhora Pobrezinha”. E os espaços que, desde 1226, recordam o evento. Vêm-se **peças e textos** que tentam reproduzir o acontecimento e a sua mensagem, fazendo de S. Francisco inspirador do Presépio e Arauto da Paz do Natal.

### A GRUTA CENTRAL E OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

Na gruta central (cuja arquitetura justifica, por si só, uma visita a esta Coleção!) estão expostos os restantes Presépios Portugueses, que podem ser vistos num **ecrã** colocado à entrada da gruta.

■ Noutros dois ecrãs pode ver os vídeos **UM FILHO NOS FOI DADO** (4 min – lugares do Nascimento de Jesus em **Belém**) e **O PRESÉPIO DE S. FRANCISCO** em **Greccio** (6 min), “a nova Belém”.

### PRATOS DE NATAL

À saída, no início da rampa por onde se desceu até à grande mostra da COLEÇÃO, na prateleira à esquerda podem ver-se “Pratos de Natal” das Coleções Vista Alegre, Philae e Porcel.

### PARA VISITAR

Oficialmente, o espaço é uma **COLEÇÃO**, não MUSEU. Por isso, não tem **horários** fixos nem **atendimento** permanente. A sua utilização depende da procura dos visitantes e da disponibilidade dos guias.

### CONTACTE SEMPRE ANTES

para marcar dia, hora e programa possível:

• **E-mail:** colecaodepresepios@gmail.com

• **Telefones:** 249 530 215 / 249 539 390

(para: frei Lopes Morgado ou frei José Luís)

## “Nele é que estava a Vida” (João 1,4)

Razão de todas as coisas,  
Por quem todos existimos  
Cristo, Verbo de Deus unigénito...

(Apresentação do Senhor, Hino de I Vésperas)

Fernando Gustavo Ventura

Nenhum texto pode ser lido fora do seu contexto. Isto é válido para todo e qualquer texto e o autor do IV Evangelho é, por antonomásia, aquele que é “impossível” ler, sem o situarmos no seu espaço e tempo não só cronológico, mas sobretudo socio-filosófico e teológico.

Não fazer este exercício leva consigo o perigo de nos perdermos quer nos jogos de palavras em que o autor é exímio, quer naquilo que a aparência do texto deliberadamente esconde em referências metahistóricas e escatológicas que só o desenrolar da narrativa acabará por revelar, sempre que o leitor for capaz de fazer uma leitura diacrónica abrangente do pré-texto, do contexto, do pretexto, do texto e do meta-texto. Parece complicado? Sim, de facto é...

### “NO PRINCÍPIO EXISTIA O VERBO”

Estas considerações tornam-se absolutamente evidentes se estivermos atentos logo desde o prólogo, do qual faz parte o v.4 que nos serve de mote.

Num ambiente marcadamente gnóstico, como aquele em que nasce e “vive” o IV Evangelho, o autor, logo no início, deixa claro ao que vem. Sem pruridos desnecessários, “atreve-se” a abrir a sua catequese com a expressão de abertura da Escritura: «No princípio...».

Lida por inteiro, toda a catequese joanina é um *continuum*, um eterno presente em desenvol-

vimento da encarnação, do Natal intemporal, da chegada de Deus à história, ainda e sempre em chave de leitura nupcial, de Aliança, de encarnação reveladora e de revelação incarnacional, *desde o princípio*, que a mais fina água da filosofia e especialmente da teologia franciscana tão bem soube compreender e explanar por palavras e sobretudo por gestos concretos de encarnação histórica e na história. Oxalá os tempos que correm pudessem voltar a ser isto mesmo para os franciscanos... Mas estas são contas de outro rosário...

O que nos importa sublinhar, neste princípio joanino, é que não é o “Espírito de Deus” sozinho que paira sobre o abismo ou sobre as “águas” e que só em Ap 22,17 virá a encontrar a noiva, a “esposa” das novas núpcias da nova (re)criação.

No prólogo do IV Evangelho, o autor faz a ligação com o *Bereshit*, usando um conceito de um campo semântico aproximativo: se *no Princípio*, no Livro do Génesis, é a palavra de Deus que cria (*Barah*), *no Princípio* desta catequese joanina a “Palavra de Deus” tem nome, tem “rosto”, tem identidade, aqui revelada como Verbo: como Palavra que é criadora de uma nova criação.

É uma *poiesis*, um “Verbo”, apresentado não como uma “entidade separada” tão ao gosto gnóstico da época, uma espécie de demiurgo, um semideus de segunda categoria; é o próprio Deus na mesma revelação e relação criadora, sem subalternidade nem qualquer posição secundária ou secundarizada, mas no próprio cerne do ser Deus e do “ser” de Deus:





*No princípio existia o Verbo;  
o Verbo estava em Deus;  
e o Verbo era Deus.»*

O autor não podia ser mais claro quanto à sua intenção catequética:

*«Por Ele é que tudo começou a existir;  
e sem Ele nada veio à existência» (Jo 1,3).*

## “NELE É QUE ESTAVA A VIDA”

O prólogo, e nele o v.4 que nos serve de mote, abre a porta a todo um desenvolvimento catequético que na história aponta e descreve a meta-história, também ela obra de Deus, também ela parte integrante do mistério da criação e da encarnação, como querida e pensada por Deus, desde o início, e não como “um remendo” para coser uma “história descosida” a precisar de restauro.

Falámos atrás da filosofia e teologia de cariz franciscana, que assenta nisto mesmo. A encarnação/redenção não é um binómio de recurso para preparar um projeto de Deus que “falhou”: é O plano de Deus, presente desde o início e que há de *ir sendo* explicitado na história e no tempo, na transcendência e na imanência de Deus e do Homem, no já e no ainda não; justamente nisto a que chamamos vida, cujo momento mais alto se atinge na morte, porque esta não é senão o encontro definitivo com o Pai, o “momento da ressurreição”. Um dia entenderemos isto; até agora, só Francisco de Assis o conseguiu...

Por tudo isto, o Natal não é o momento UM de um projeto “tapa-buracos” numa história corrompida... Toda a história – do *bereshit* ao *eskaton*, do *Génesis* ao *Apocalipse* – é história de salvação, querida, “pensada” e levada a cabo por Deus, história *imanente e transcendente* sem rutura e sem qualquer solução de continuidade.

Muito pelo contrário, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jesus Cristo, o “Deus do Evangelho de João” é o mesmo que em Caná dá início a uma sequência de 19 referências à «hora», que não é a “hora” de um qualquer messias milagreiro, mas a hora de uma revelação iniciada na imanência de um acontecimento humano e

“histórico”, umas núpcias, e que na cruz – naquela, que é a “última hora” – revelará finalmente a finalidade da sua vinda, a finalidade das núpcias do cordeiro... **«Mulher eis o teu filho! Eis a tua mãe!»** (Jo 19,26.27).

**Nele** [o Verbo] **é que estava a Vida**. No Natal, através de Maria, o Verbo fez-se carne. Na Cruz, sempre através de Maria, “nasce o Natal” da nova humanidade...

**O Natal não é o momento UM de um projeto “tapa-buracos” numa história corrompida... Toda a história – do bereshit ao eskaton, do Génesis ao Apocalipse – é história de salvação, querida, “pensada” e levada a cabo por Deus, história imanente e transcendente sem rutura e sem qualquer solução de continuidade.**



## A Virgem conceberá

A promessa de Deus é o grande dom com o qual Ele ama o mundo. Mas não é o seu Filho Jesus o seu maior dom? Claro que sim. Todavia, o Filho surge como o momento e a expressão maior dessa promessa que vem de longe, que vem do Pai.

José Carlos Carvalho, UCP-Porto

**N**Ele, a promessa é cumprida. Mas o desígnio do Deus amor, de levar ao cumprimento e à plenitude a sua promessa – dirigida desde os primórdios a Abraão – esse permanece. Deste modo, o Filho é também Filho da Promessa de Deus Pai que, desde sempre, desde o seio da Trindade, decide amar o mundo e promete amá-lo para sempre. Esse é o grande evangelho, a grande boa notícia.

Ao longo da história construída com Israel, Deus Pai vai mostrando que esse seu desejo-amor não é abstrato. Por isso, vai cumprindo o que promete, vai dando conteúdo à promessa. Não se fica por palavras, por dizer que ama; ama, efetivamente. Vai dando conteúdo ao que prometeu desde Abraão e promete, comprometendo-se no cumprimento, ou seja, cumprindo-o.

Isto é de tal modo verdade e concreto, ou seja, real, que a comunidade cristã primitiva encontra a realização dessa promessa que vem de longe. Quando Mateus relê a história da salvação, encontra a realidade como lugar da esperança e da realização da esperança e da promessa. Neste sentido, encontra a Anunciação do anjo Gabriel a Maria como a continuação do cumprimento da promessa que já vinha lá de longe, do séc. VIII a.C., ao tempo do profeta Isaías na corte em Jerusalém: **«Eis que a virgem [parthénos] conceberá e dará à luz um filho; o seu nome será Emanuel»** (Mt 1,23).

Quando Mateus escreve isto, por volta da penúltima década do século I d.C., já tinha acon-

tecido a encarnação do Lógos de Deus, o Filho de Deus já tinha vindo ao mundo; ou seja, Deus já tinha realizado o que prometera. E o que é que prometera? Precisamente aquilo que Mateus escreve, transcrevendo e citando a promessa de Is 7,14 no início do livro do Emanuel:

*«Por isso, o próprio Senhor  
vos dará um sinal. Olhai:  
a jovem [‘almah] está grávida e vai dar à luz  
um filho,  
e há de pôr-lhe o nome de Emanuel.»*

Deus prometeu isto quando Acáz era rei em Judá; e agora, como sempre acontece, cumpre o que prometeu. Mateus, a comunidade primitiva e Maria viram isso, mais uma vez, acontecer. O que Deus anunciara no Antigo Testamento, é agora cumprido no Novo.

## O contexto da promessa

Este anúncio do profeta surge num período conturbado em Israel. A quem é que o profeta se referirá? Ele próprio desconhece. Mas isso faz parte da promessa: não se sabe tudo. Isaías anuncia no sul, depois do período de Jotão (739-734 a.C.), um período de alguns anos com certa paz e relativo bem-estar. Apesar disso, o profeta não deixa de anunciar a invasão assíria (cf. Is 5,26-30) e de fazer a denúncia do pecado na crítica que dirige ao culto (Is 1,10-17), à corrupção dos juizes (Is 1,21-26), ao orgulho humano (Is 2,6-22), à futilidade das mulheres ricas (Is 3,16-4,1), através da parábola do cântico da vinha (Is 5,1-7) e das invetivas dos *ouai* (Is 5,8-22; 10,1-4).

## II. a promessa

Quando o rei Acaz (734-727 a.C.) chega ao poder em Judá, Isaías assiste à guerra siro-efraimita (734-732 a.C.), fazendo um memorial dela (Is 6,1-8,18). Temos, assim, a abrir o livro do Emanuel, uma ambientação inicial marcada pelo temor do rei e do povo pela conspiração (cf. Is 7,1-2):

«no tempo em que Acaz filho de Jotão filho de Uzias era rei de Judá, aconteceu que o rei da Síria chamado Retzin e o rei de Israel chamado Peca, que era filho de Remalias, vieram atacar a cidade de Jerusalém. Mas não a conseguiram conquistar.

Acaz e a sua corte foram informados de que os arameus tinham acampado em Efraim. O rei e o seu povo, perante a notícia, ficaram com o coração em sobressalto e agitados, como as árvores da floresta pelo vento.»

Isaías assiste, a seguir, à menoridade de Ezequias (727-715 a.C.). Em 727 a.C. dá-se a morte de Tiglatpileser (Teglat Phelaser) III e a condenação da Filisteia (Is 14,28-32). Já durante o reinado de Ezequias (716-698 a.C.) acontece, entre 714-711 a.C., a rebelião de Ashdod e a ação simbólica de Is 20. Em 705 a.C. surge uma outra rebelião e os preparativos de Senaquerib para o cerco de Jerusalém. Durante esses preparativos, o rei Ezequias envia uma embaixada ao Egito a pedir ajuda; e defende Jerusalém. Isaías critica essa embaixada (Is 30,1-5; 31,1-3).

A profecia do Emanuel não avisa diretamente que aquele que vai nascer é o rei Ezequias. O profeta anuncia ao rei que um seu sucessor (seja ele qual for e quando for) governará o povo como deve ser. Começa assim a formar-se a teologia messiânica em Israel. Ora, Deus vai cumprir esse desejo no Novo Testamento em Maria.

## O longo caminho feito pelo texto

No texto massorético, o profeta Isaías usa um termo ambivalente, pois a *’almah* que já está grávida e vai dar à luz pode significar uma jovem prometida ainda não casada ou uma jovem esposa acabada de casar. Pode até ser uma das concubinas do rei Acaz, mas é ainda virgem, como Rute (cf. Gn 24,16.43; Ex 2,8; Sl 68,25; Pr 30, 19; Ct 1, 3). Por causa disso, para salientar a virgindade des-

sa noiva, a versão targúmica usa *betulah* (virgem: cf. Jz 21,12). O mesmo fez a tradução grega dos Setenta, quando traduziu por *parthenos* (virgem) e o mesmo se manteve na Vulgata, pois a tradição cristã reconhece que Maria é essa jovem, essa virgem.

Para se distanciar desta leitura, por volta do ano 140 d.C. o judeu Áquila optou por traduzir o hebraico de Isaías por um literal *neanis* (rapariga) na sua recensão grega ao texto massorético do AT, pois a Igreja primitiva começou a utilizar a versão grega dos Setenta quando redigiu o NT (ainda que não exclusivamente).

Mas, se Mateus relê a profecia de Isaías, os Padres da Igreja verão em Maria o cumprimento de uma promessa que vem ainda mais de longe, desde Gn 3,15, quando o sábio narra que Deus disse à serpente – a representação do mal – que ela vai ser vencida, pois Eva vai atingi-la na cabeça, enquanto a serpente vai importuná-la no calcanhar. O mitógrafo quer mostrar em Gn 3,15 que o mal não é tão potente como a vida que Deus gera no mundo através de Eva: o mal apenas importuna, e por isso só consegue atingir o calcanhar, não a cabeça de Eva. É só isto que o narrador de Génesis quer transmitir.

A tradição cristã vai abrir ainda mais esta certeza; e, sem desvirtuar o texto, à boa maneira de um midrash descobre que Maria é a nova Eva que trouxe a vida potente de Deus que vai enfrentar e superar o mal, ao ponto de este deixar de ser a última palavra sobre a humanidade. Ora, a tradição cristã, de um modo muito positivo e confiante, descobre que o que Deus prometera desde sempre é o que prometeu a Maria e continua a cumprir desde quando o prometeu nas origens.

Assim, numa leitura segundo o sentido, Mt 1,23 também acaba por mostrar que a promessa feita à humanidade geradora de vida – representada em Eva – continua a ser cumprida na nova Eva que é Maria, essa outra nossa Mãe.

Por tudo isto, Maria é filha da Promessa e nós, os seus filhos, somo-lo também, ao vermos Deus cumprir o que prometeu desde a criação – em Isaías, em Maria, no seu Filho.



## III. o cumprimento

## “Na plenitude do tempo” (Gálatas 4,4.5) “o Verbo fez-se Homem” (João 1,14)

Cumpriu-se o tempo, cumpriu-se o sonho. Falta cumprir-se o tempo, falta cumprir-se o sonho. O Messias não nasceu em Belém... nasceu no deserto, ali onde tudo perdera o sentido, ali onde a esperança morrera, ali onde de novo se cumpria o “destino” do exílio, da escravidão, do sofrimento e da morte.

Fernando Gustavo Ventura

Mas foi ali, justamente, que nasceu o Messias, o sonho da continuidade da fidelidade de Deus à Aliança, malgrado a infidelidade do povo. É neste segundo exílio onde se ouve mais a voz dos profetas, precisamente porque foi sentido pelo povo como um castigo por causa da infidelidade.

A instauração da monarquia com Saúl, David e Salomão, trouxe uma prosperidade nunca antes conhecida, sobretudo com este último, mas trouxe também um nível de tensões sociais nunca antes experimentado, sobretudo por causa da imensa carga de impostos e tantos “decretos” arbitrários...

A somar a esta situação socioeconómica, há que acrescentar a situação socio-religiosa. Sobretudo com David e depois com Salomão, foi sendo repetida a abominação das abominações: as amantes e os amantes dos reis, as suas concubinas e os seus concubinos vindos de outras terras trouxeram consigo os seus deuses e costumes pagãos. O Templo de Jerusalém era também lugar de adoração dos novos deuses trazidos pela concupiscência dos governantes.

## A Esperança como Luz

Tudo isto vivido no quadro internacional dominado pelas duas superpotências de então, o Egito e a Babilónia, levou de novo à hecatombe: Israel

dividido em dois, o povo no exílio, outra vez o deserto, outra vez o lamento, outra vez a necessidade de fazer recordar a esperança que não morre, outra vez as saudades de Sião:

«Junto aos rios da Babilónia nos sentámos a chorar,  
recordando-nos de Sião» (Sl 137,1).

Diante dos acontecimentos trágicos trazidos pela monarquia – nunca bem aceite por todos e por muitos entendida como castigo pela infidelidade ao Deus de Israel –, o exílio da Babilónia é visto como um tempo sem fim de castigo. “Deus abandonou-nos, abandonou a Aliança. Foi-se embora.”

É quando tudo perde o sentido e quando a luz a toda a volta se faz noite, que se levanta a voz dos profetas; e eles não se fizeram rogados. Isaías, Jeremias, Ezequiel, e tantos outros, levantaram a voz... «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz!» (Is 9,1). Isaías “grita” o Messias: «Sobre ele repousará o espírito do Senhor» (Is 11,2).

É esta a esperança de Israel, que Isaías grita no contexto do nascimento de Ezequias, filho do Rei Acaz, que traz à consciência do povo a “profecia” do Emanuel, a certeza do «Deus-connosco» (Is 7,14; ver Mt 1,23). É esta certeza da perenidade da fidelidade à Aliança por parte de Deus, que Isaías e os demais profetas trazem como luz na sombra que passa.

É esta mesma esperança que se cumpre na carne do verbo que se fez homem, que se torna



visibilidade no presépio, naquele menino nascido em Belém, crescido em Nazaré e morto e ressuscitado em Jerusalém.

#### “O Verbo fez-se Homem”

A esperança cumpriu-se «na plenitude do tempo», porque «o Verbo se fez homem». No dizer do texto original, «o Verbo fez-se carne» (Sarks).

Ao lado de outras palavras que João podia ter escolhido ele usa a palavra (*sarks, sarks egeneto*) fez-se “carne”, fez-se fragilidade de condição, fez-se “homem”, com a força “incarnacional” do próprio vocábulo usado intencionalmente num contexto gnóstico-místico, como era o do autor do IV Evangelho, e que ontem como hoje se impunha combater, falando sem rodeios de um Deus Incarnado na história, verdadeiramente «em tudo igual a nós exceto no pecado» (Heb 4,15), participante desta que é a nossa história.

Ao ser tocada por Deus, a nossa história torna-se *ipso facto* eternidade na qual Deus e nós somos um nesta unidade cósmica do multiverso da criação da qual fazemos parte. Somos a parte adâmica da *adamah* redimida, tocada por Deus, na qual e dentro da qual Deus se incarnou, na qual Deus em Jesus Cristo cumpriu a sua *kenose* (*eskenosen*)...

«O Logos *sarks egeneto kai eskenosen en êmin*»: a palavra tornou-se carne e habitou – *eskenosen* (=estabeleceu a sua tenda no nosso acampamento). De notar ainda que “dentro” do verbo *eskenosen* “está” igualmente a palavra *kenose* (=abaixamento, descida até ao nosso nível: cf. Ex 3). A incarnação na *sarks* humana é isto mesmo; Deus fez-se homem, não para que nos “tornássemos” deuses... mas para que nos sentíssemos desafiados a viver em plenitude a nossa humanidade.

#### Cada vez mais é preciso o Natal

Este tempo que é nosso, é por isso tempo de plenitude, porque tempo de eternidade, porque tempo do cumprimento do sonho da promessa, da certeza da Aliança, da revelação da verdade anunciada no “momento zero” da reve-

lação a Moisés, chamado a aproximar-se e ao mesmo tempo a “guardar distância... a tirar as sandálias” (cf. Ex 3,6-10).

Esta encarnação e este “descer” *kenótico* de Deus até ao nosso nível, que celebramos no Natal, traz consigo uma missão, atribuída a Moisés – logo, atribuída a cada um de nós para irmos, para sermos continuadores da obra de libertação, para também nós descermos para fazer subir...

O Natal e a Encarnação na Plenitude do Tempo traz consigo o desafio das relações redimidas, o encontro com a missão do ungido (Is 61), que é a nossa missão. Por isso, cada vez mais e mais urgentemente é preciso um Natal na Igreja, é preciso um Natal em cada um de nós. Pois na Igreja Universal, neste tempos de Francisco, vemos agigantar-se cada vez mais a sombra do Cisma...

Natal é preciso porque esta é a plenitude do Tempo, em que o Verbo se fez Homem, à espera que os homens se deixem de tanto “verbo inútil”... Toca-nos a nós partir de Belém ou de Nazaré... ou de onde quer que estejamos e ser Natal...

Maria Amélia Carvalheira (1904-1998),  
Gondarém, Vila Nova de Cerveira.  
*Nossa Senhora Menina*. Faiança pintada, 1960.



## Do ‘querigma inicial’ ao ‘anúncio do Natal’

Ao abrir os quatro Evangelhos espanta-nos o facto de nem todos falarem de Jesus e da sua mensagem do mesmo modo. Por isso, notamos que foi apenas depois da sua pregação e ressurreição que Mateus e Lucas escreveram os assim chamados “Evangelhos da Infância” de Jesus.

frei Herculano Alves

**Q**uer isto dizer que o interesse fundamental dos quatro evangelistas foi tratar da pessoa de Jesus e da mensagem que Ele pregou depois dos 30 anos, durante a sua assim chamada *Vida Pública*.

Deste modo, o género literário “Evangelho” tem apenas esses quatro exemplares, que são os *Quatro Evangelhos* reconhecidos como tais. Daí deduzimos que as narrativas da “Infância de Jesus”, em Mateus e Lucas, não fazem parte do “Evangelho” de Jesus, no sentido rigoroso do termo.

#### Da pregação de Jesus à pregação sobre Jesus

Jesus veio ao mundo, da parte do Pai, precisamente para anunciar o Evangelho, a Boa Notícia para toda a humanidade. E já durante a sua vida terrena, enviou os discípulos a pregar esse Evangelho, numa espécie de estágio pastoral, a fim de os preparar para O substituírem, quando Ele partisse para o Pai. Por isso, o ‘Testamento’ que lhes deixa, antes da Ascensão, é uma mensagem missionária:

«*Ides, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre con-*

*vosco até ao fim dos tempos*» (Mateus, 28,19-20; ver Mc 16,15-16; Lc 24,46-48; At 1,8).

E os Apóstolos cumpriram fielmente esse mandato de Jesus: «*Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam*» (Marcos 16,20).

#### Que pregavam os Apóstolos?

É claro que os Apóstolos, numa primeira pregação sobre Jesus, tanto a judeus como a pagãos, não pregaram alta teologia, mas as verdades mais simples. Tais verdades são chamadas *querigma*, termo grego que significa “proclamação” de uma notícia breve, rápida e sem mais explicações, dada a urgência da mesma.

Ou seja, numa primeira fase, os Apóstolos pregaram a doutrina mais importante e urgente acerca de Jesus. Quase como os pregadores reais que, montados em velozes cavalos, corriam pelas terras do rei a anunciar uma boa (ou má) notícia; por exemplo: “Nasceu o filho do rei!”

Foi neste contexto social que os Apóstolos, correndo por toda a parte e utilizando os meios de locomoção daquele tempo, foram pregar as verdades essenciais sobre Jesus e a sua pregação. Os resumos destas verdades encontram-se nos chamados “discursos querigmáticos” dos Atos dos Apóstolos. O discurso de Pedro no dia do Pen-



tecotes (At 2,14-36) é um exemplo típico disso. Eis as verdades sobre Jesus aqui anunciadas por Pedro – com os Onze ao seu lado:

1) Em primeiro lugar, salta à vista o **modo de pregoeiro** usado por Pedro, para se dirigir aos seus ouvintes: «*Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras*» (v.14).

E interpela-os por três vezes, para indicar a atenção que devem prestar às suas importantes palavras.

2) A seguir, anuncia-lhes, de modo breve e rápido, as seguintes **verdades essenciais**, ou “querigmáticas”:

- O entusiasmo dos Apóstolos e dos que se encontravam com eles deriva do cumprimento da profecia de Joel (2,15-21).
- Jesus foi enviado por Deus à humanidade e fez sinais e prodígios à vista de todos (v.22).
- Foi entregue (aos judeus e a Pilatos), conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus (v.23).
- Vós O matastes...
- Cravaste-O na cruz por gente perversa (os romanos: v.23).
- Mas Deus ressuscitou-O... (v.24).
- Libertou-O dos grilhões da morte... não era possível que ficasse sob o domínio da morte (v.24).
- Isso estava profetizado nos Salmos de David (vv.25-28; ver Sl 16,8-11 grego).
- David profetizou antecipadamente a ressurreição de Cristo (v.31).
- Foi este Jesus que Deus ressuscitou e disto nós somos testemunhas (2,32).
- Foi elevado [ao Céu] pelo poder de Deus (v. 33).
- Recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-O como vedes e ouvis (v.33).
- David já tinha profetizado esta subida à direita do Pai (v.34-35).

### 3) Conclusão-resumo:

- «Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado» (v. 36).

Temos aqui, portanto, um breve “catecismo” sobre Jesus Cristo, com o enunciado “querigmático” de 14 verdades fundamentais da fé

cristã. Os Apóstolos e outros discípulos só depois iam explicando estas verdades fundamentais nas comunidades já formadas, fazendo *catequese*, *doutrina* e *teologia*, como acontece nas Cartas de Paulo, nas Cartas Católicas e nos Atos dos Apóstolos.

## Da pregação da Morte e Ressurreição de Cristo à do seu Nascimento no presépio

Numa reflexão posterior, por volta dos anos 80 e uns 50 anos depois da Ressurreição, os cristãos começam a refletir sobre o início de tudo isto: como é que Jesus veio ao mundo, o que aconteceu na sua infância, a sua vida escondida em Nazaré...

Daqui surgiram, nas comunidades de Mateus e Lucas, “Narrativas de Infância”, um género de literatura utilizada para engrandecer o nascimento de grandes personagens (reis e imperadores), nas quais havia profecias e sinais do céu, para indicar a importância desse personagem.

Mateus e Lucas forneceram-nos também relatos semelhantes; não para imitar os reis pagãos, mas para provar que, **já no seu nascimento, Jesus era divino, o Filho de Deus**. São, portanto, relatos mais teológicos, catequéticos, do que históricos.

Deste modo, estabeleceram uma relação íntima entre o Filho de Deus, que se manifestou na sua Vida, Morte e Ressurreição e o seu Nascimento num presépio, isto é, na condição dos mais pobres da sociedade; mas com muitos sinais celestes, profecias e outros sinais divinos. Porque **ELE JÁ ERA O FILHO DE DEUS, AO NASCER NUM PRESÉPIO!**

Daí o facto de às vezes se representar, nos presépios, uma relação entre a Paixão e Ressurreição de Jesus e o seu Nascimento. Como no caso de várias peças expostas no Núcleo IV da **Co-leção EVANGELHO DA VIDA**, no Centro Bíblico dos Capuchinhos, em Fátima, inaugurada no dia 4 de janeiro passado, véspera da Epifania, de maneira museológica e permanente.



Exortação pós-sinodal do Papa Francisco

# QUERIDA AMAZÓNIA

## Por uma Igreja com rosto amazónico

A Exortação pós-sinodal sobre a Amazônia, publicada no dia 12 de fevereiro, traça novos caminhos de evangelização e cuidados do meio ambiente e dos pobres. O papa Francisco auspicia um novo ímpeto missionário e encoraja o papel dos leigos nas comunidades eclesiais.

Alessandro Gisotti

«A querida Amazônia apresenta-se aos olhos do mundo com todo o seu esplendor, o seu drama e o seu mistério.» Assim começa a Exortação apostólica pós-sinodal, *Querida Amazônia*.

Nos primeiros números (2-4), o Santo Padre explica «o sentido desta Exortação», rica de referências a documentos das Conferências episcopais dos países amazónicos, mas também a poemas de autores ligados à Amazônia. Francisco destaca que deseja «expressar as ressonâncias» que o Sínodo provocou nele. E esclarece que não pretende substituir nem repetir o Documento final (*Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*), que convida a ler «integralmente», fazendo votos de que toda a Igreja se deixe «enriquecer e interpelar» por esse trabalho e que a Igreja na Amazônia se empenhe «na sua aplicação».

Francisco partilha os seus «Sonhos para a Amazônia» (5-7), cujo destino deve preocupar a todos, porque esta terra também é «nossa». Assim, formula «quatro grandes sonhos»: que a Amazônia «lute pelos direitos dos mais pobres», «preserve a riqueza cultural», «guarde zelosamente a sedutora beleza natural», e, por fim, que as comunidades cristãs sejam «capazes de se devotar e encarnar na Amazônia».

### O SONHO SOCIAL

#### a Igreja ao lado dos oprimidos

O primeiro capítulo da *Querida Amazônia* está centrado no «Sonho social» (8). Sublinha que «uma verdadeira abordagem ecológica» é também «abordagem social» e, mesmo apreciando o «bom modo de viver» dos indígenas, adverte para o «conservacionismo», que apenas se preocupa com o meio ambiente. Com tons vibrantes, fala de «injustiça e crime» (9-14). Recorda que já Bento XVI havia denunciado «a devastação ambiental da Amazônia». Os povos originários, afirma, sofrem uma «sujeição» tanto dos poderes locais, como dos externos. Para o Papa, as operações económicas que alimentam a devastação, o assassinato e a corrupção merecem o nome de «injustiça e crime». E, com João Paulo II, reitera que a globalização não deve tornar-se um novo colonialismo.

#### Os pobres sejam ouvidos sobre o futuro da Amazônia

Diante de tanta injustiça, o Santo Padre diz que é preciso «indignar-se e pedir perdão» (15-19) e são necessárias «redes de solidariedade e desenvolvimento»; e pede o compromisso de todos, mesmo dos líderes políticos. O Papa destaca o tema do «sentido comunitário» (20-22), recor-



dando que, para os povos amazônicos, as relações humanas «estão impregnadas pela natureza circundante». Por isso, vivem como um verdadeiro «desenraizamento» quando são «forçados a emigrar para a cidade».

A última parte do primeiro capítulo é dedicada às «Instituições degradadas» (23-25) e ao «Diálogo social» (26-27). O Papa denuncia o mal da corrupção, que envenena o Estado e as suas instituições. E faz votos de que a Amazônia se torne «um local de diálogo social» antes de mais «com os últimos». A voz dos pobres, diz, deve ser «a voz mais forte» sobre a Amazônia.

### O SONHO CULTURAL cuidar do poliedro amazônico

O segundo capítulo é dedicado ao «sonho cultural». Francisco esclarece que «promover a Amazônia» não significa «colonizá-la culturalmente» (28). E recorre a uma imagem que lhe é cara: «o poliedro amazônico» (29-32). É preciso combater a «colonização pós-moderna». Para Francisco, é urgente «cuidar das raízes» (33-35). Citando *Laudato si'* e *Christus vivit*, destaca que a «visão consumista do ser humano» tende «a homogeneizar as culturas» e isso afeta sobretudo os jovens. A eles, o Papa pede que assumam as raízes, que recuperem «a memória danificada».

### Não a um indigenismo fechado; é preciso um encontro intercultural

A Exortação concentra-se depois no «encontro intercultural» (36-38). Mesmo as «culturas aparentemente mais evoluídas», observa, podem aprender com os povos que «desenvolveram um tesouro cultural em conexão com a natureza». A diversidade, portanto, não deve ser «uma fronteira», mas «uma ponte». Por isso, o Papa diz não a «um indigenismo completamente fechado».

A última parte do segundo capítulo é dedicada ao tema «culturas ameaçadas, povos em risco» (39-40). Em qualquer projeto para a Amazônia, recomenda o Papa, «é preciso assumir a perspectiva dos direitos dos povos». Estes, acrescenta, dificilmente podem ficar ilesos se o ambiente em que nasceram e se desenvolveram «se deteriorar».

### O SONHO ECOLÓGICO unir cuidado com o meio ambiente e cuidado com as pessoas

O terceiro capítulo, «Um sonho ecológico», é o mais relacionado com a Encíclica *Laudato si'*. Na introdução (41-42), destaca-se que na Amazônia existe uma relação estreita do ser humano com a natureza. Cuidar dos irmãos como o Senhor cuida de nós, reitera o Papa, «é a primeira ecologia de que precisamos». Cuidar do meio ambiente e cuidar dos pobres é «inseparável». Francisco dirige depois a atenção ao «sonho feito de água» (43-46). Cita Pablo Neruda e outros poetas locais sobre a força e a beleza do Rio Amazonas. Com os seus poemas, escreve, «ajudam a libertar-nos do paradigma tecnocrático e consumista que sufoca a natureza».

### Ouvir o grito da Amazônia, o desenvolvimento seja sustentável

Para o Papa, é urgente ouvir o «grito da Amazônia» (47-52). Lembra que o equilíbrio planetário depende da sua saúde. E diz que existem fortes interesses não somente locais, mas também internacionais. A solução, portanto, não é «a internacionalização» da Amazônia; pelo contrário: deve crescer «a responsabilidade dos governos nacionais». O desenvolvimento sustentável, prossegue, requer que os habitantes sejam sempre informados sobre os projetos que lhes dizem respeito; e propõe a criação de «um sistema normativo» com «limites invioláveis». Francisco, deste modo, convida à «profecia da contemplação» (53-57). E destaca: ouvindo os povos originários, podemos amar a Amazônia «e não apenas usá-la»; podemos encontrar nela «um lugar teológico, um espaço onde o próprio Deus Se manifesta e chama os seus filhos».

A última parte do terceiro capítulo é centralizada na «educação de hábitos ecológicos» (58-60). O Papa ressalta que a ecologia não é uma questão técnica, mas compreende sempre «um aspeto educativo».

### O SONHO ECLESIAL Desenvolver uma Igreja com rosto amazônico

O último capítulo, o mais denso, é dedicado «mais diretamente» aos pastores e fiéis católicos e concentra-se no «sonho eclesial». O Papa con-



Para o Papa, não se trata «apenas de facilitar uma presença maior de ministros ordenados»: é um objetivo «limitado», se não suscitar «uma nova vida nas comunidades». São necessários, pois, novos «serviços laicais». Só através de «um incisivo protagonismo dos leigos», a Igreja poderá responder aos «desafios da Amazônia».

vida a «desenvolver uma Igreja com rosto amazônico» através de um «grande anúncio missionário» (61), um «anúncio indispensável na Amazônia» (62-65). Para o Santo Padre, não é suficiente levar uma «mensagem social». Esses povos têm «direito ao anúncio do Evangelho»; de contrário, «cada estrutura eclesial transformar-se-á em mais uma ONG».

Uma parte consistente é dedicada ainda à inculturação. Retomando a *Gaudium et spes*, Francisco fala de «inculturação» (66-69) como um processo que leva «à plenitude, à luz do Evangelho», aquilo que de bom existe nas culturas amazônicas.

### Uma renovada inculturação do Evangelho na Amazônia

O Papa dirige o seu olhar mais à profundidade, indicando os «Caminhos de inculturação na Amazônia» (70-74). Os valores presentes nas comunidades originárias, escreve, devem ser valorizados na evangelização. E nos dois parágrafos seguintes detém-se sobre a «inculturação social e espiritual» (75-76). Evidencia que, diante da condição de pobreza de muitos habitantes da Amazônia, a inculturação deve ter um «timbre marcadamente social». Ao mesmo tempo, porém, a dimensão social deve ser integrada com a «espiritual».

### Os Sacramentos devem ser acessíveis a todos, especialmente aos pobres

Na sequência, a Exortação indica «pontos de partida para uma santidade amazônica» (77-80), que não devem copiar «modelos doutros lugares».

Diz que «é possível receber, de alguma forma, um símbolo indígena sem o qualificar necessariamente como idolátrico». E acrescenta: Pode-se valorizar um mito «denso de sentido espiritual» sem necessariamente o considerar «um extravio pagão». O mesmo vale para algumas festas religiosas, que, apesar de necessitarem de um «processo de purificação», «contêm um significado sagrado».

Outra passagem significativa de *Querida Amazônia* é sobre a inculturação da liturgia (81-84). O Sumo Pontífice constata que já o Concílio Vaticano II havia solicitado um esforço de «inculturação da liturgia nos povos indígenas». Além disso, recorda numa nota do texto que, no Sínodo, «surgiu a proposta de se elaborar um «rito amazônico». Os Sacramentos, exorta, «devem ser acessíveis, sobretudo aos pobres». A Igreja – sublinha, evocando a *Amoris laetitia* –, não pode transformar-se numa «alfândega».

### Bispos latino-americanos devem enviar missionários à Amazônia

Relacionada com este tema, está a «inculturação do ministério» (85-90), à qual a Igreja deve dar uma resposta «corajosa», pois deve ser garantida «maior frequência da celebração da Eucaristia». A propósito, reitera, é importante «determinar o que é mais específico do sacerdote». A resposta, lê-se, está no sacramento da Ordem sacra, que habilita o sacerdote a presidir a Eucaristia. Então, como «assegurar este ministério sacerdotal» nas zonas mais remotas? Francisco exorta todos os bis-



pos, especialmente os latino-americanos, «a serem mais generosos», orientando os que «demonstram vocação missionária» a escolher a Amazônia e convidá-los a rever a formação dos presbíteros.

### Favorecer um protagonismo dos leigos nas comunidades

Depois dos Sacramentos, *Querida Amazônia* fala das «comunidades cheias de vida» (91-98), nas quais os leigos devem assumir «responsabilidades importantes». Segundo o Papa, não se trata «apenas de facilitar uma presença maior de ministros ordenados»: é um objetivo «limitado», se não suscitar «uma nova vida nas comunidades». São necessários, portanto, novos «serviços laicais». Só através de «um incisivo protagonismo dos leigos», a Igreja poderá responder aos «desafios da Amazônia». Os consagrados têm um lugar especial e o Papa não deixa de recordar o papel das comunidades de base, que defenderam os direitos sociais, e encoraja em especial a atividade da REPAM e dos «grupos missionários itinerantes».

### Novos espaços às mulheres mas sem clericalizações

Francisco dedica os nn. 99-103 à força e ao dom das mulheres. Reconhece que, na Amazônia, algumas comunidades só se mantiveram «graças à presença de mulheres fortes e generosas». Mas adverte que a Igreja não deve ser reduzida a «estruturas funcionais». Pois, se assim fosse, as mulheres somente teriam um papel se lhes fosse concedido acesso à Ordem sacra. Para o Pontífice, deve ser rejeitada a clericalização das mulheres, acolhendo, ao contrário, a contribuição ao jeito feminino, que prolonga «a força e a ternura de Maria». Francisco encoraja o surgimento de novos serviços femininos, que – com um reconhecimento público dos bispos – incidam nas decisões para as comunidades.

### Os cristãos devem lutar juntos para defender os pobres da Amazônia

É preciso «ampliar horizontes para além dos conflitos» (104-105) e deixar-se desafiar pela Amazônia a «superar perspectivas limitadas» que «permanecem enclausuradas em aspetos parciais», diz o Papa.

O quarto capítulo termina com o tema da «convivência ecuménica e inter-religiosa» (106-110): «encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum». O Papa questiona: «Como não lutar juntos? Como não rezar juntos e trabalhar lado a lado para defender os pobres da Amazônia?»

### Confiemos a Amazônia e os seus povos a Maria

Francisco conclui a *Querida Amazônia* com esta oração à Mãe da Amazônia (111):

#### MÃE DA VIDA,

no vosso seio materno formou-Se Jesus, que é o Senhor de tudo o que existe. Ressuscitado, Ele transformou-Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação. Por isso Vos pedimos que reineis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.

**Mostrai-Vos** como mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios, do grande rio que a atravessa e de tudo o que vibra nas suas florestas.

**Protegei**, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.

**Pedi** a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres que moram nela, para que a saibam admirar e cuidar.

**Fazei** nascer o vosso Filho nos seus corações para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos e nas suas culturas, com a luz da sua Palavra, o conforto do seu amor, e a sua mensagem de fraternidade e justiça.

Que, em cada Eucaristia, se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.

**Mãe, olhai** para os pobres da Amazônia, porque o seu lar está a ser destruído por interesses mesquinhos.

Quanta dor e quanta miséria, quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita, transbordante de vida!

**Tocai** a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é tarde, Vós nos chamais a salvar o que ainda vive. [...] Ámen.»

## PRESENÇA CAPUCHINHA EM TIMOR-LESTE

### Passagem da responsabilidade da Província de Portugal para a de Pontianak, da Indonésia

O Ato oficial decorreu na igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Laleia – onde essa presença tinha começado em 2003 – numa Eucaristia só para os irmãos Capuchinhos. Presidiu o Conselheiro-geral da Ordem para essa Região, Fr. Victorius Dwiardy.

Fernando Alberto Pedrosa Cabecinhas

**C**oncelebraram os ministros provinciais de Pontianak, Fr. Hermanus Mayong, e de Portugal, frei Fernando Alberto Pedrosa Cabecinhas. Na assembleia, estavam os irmãos das fraternidades de Tibar e de Laleia, cujo número, já bastante elevado, deixava muito bem composto o interior da pequena igreja de Laleia.

Após a leitura do Evangelho, a Carta do Ministro Geral, Fr. Roberto Genuin, com a qual se decreta a passagem de responsabilidade, foi lida

em inglês, pelo Ministro Provincial de Pontianak, e em português, pelo Ministro Provincial de Portugal. Na homilia, que se seguiu, o Conselheiro-geral aproveitou para iluminar com a Palavra de Deus, proclamada nesse domingo, o caminho feito ao longo destes anos de presença capuchinha iniciada pela Província de Portugal, caminho que há de continuar, agora sob a responsabilidade da Província de Pontianak: *ser sal da terra e luz do mundo*, vivendo e irradiando o carisma capuchinho nestas terras do Sol Nascente.

Após a bênção final, procedeu-se a um pequeno gesto simbólico da entrega da responsabilidade: o Ministro Provincial de Portugal fez a entrega do Decreto do Ministro Geral ao Ministro Provincial de Pontianak.

#### A visita do Ministro Provincial

Este ato oficial aconteceu no final da visita fraterna e pastoral que o Ministro Provincial de Portugal fez aos irmãos e às fraternidades de Timor-Leste, de 9 de janeiro a 17 de fevereiro. Sendo a última visita, e es-

O Frei Fernando faz a entrega simbólica da responsabilidade pela presença dos capuchinhos em Timor-Leste ao Ministro Provincial de Pontianak. Assistem o frei Miguel Grilo (à esquerda), representante da Província de Portugal em Timor e o responsável geral da nossa Ordem para aquela região do mundo.



tando já próxima a data da passagem da responsabilidade para outra Província, procurou sobretudo inculcar nos irmãos a necessária abertura para uma colaboração afetiva e efetiva com os novos responsáveis pela presença da Ordem neste país.

Nestes dias de visita, deslocou-se também à Indonésia, na companhia do Fr. Isidorus Jawa, visitando muitas das fraternidades capuchinhas de Pontianak, a fim de se inteirar da realidade da Província a quem vai entregar a responsabilidade desta presença capuchinha. Por sua vez, o Ministro Provincial de Pontianak, esteve em Timor-Leste de 6 a 12 de fevereiro, acompanhado pelo Fr. William Chang, Vigário Provincial.

No dia 7 de fevereiro realizou-se um encontro entre os responsáveis das duas províncias, com a presença do Conselheiro-geral. Para além da partilha sobre a realidade da presença capuchinha em Timor-Leste, dialogou-se sobre questões concretas a ter em conta após a passagem da responsabilidade.

Momento muito significativo desta visita aconteceu no dia 8 de fevereiro, com a profissão perpétua de dois irmãos timorenses: o Fr. Florindo de Jesus Valera Falo e o Fr. Manuel dos Santos Quintão. Esta foi a última ação da responsabilidade da Província cessante, e, por isso, foi ainda presidida pelo Ministro Provincial de Portugal, que recebeu também os votos dos profitentes.

### Breve nota histórica

A presença missionária capuchinha em Timor-Leste foi iniciada pela Província Portuguesa no ano de 2003, na povoação de Laleia, Distrito de Manatuto, Diocese de Baucau. Após a viagem preparatória do Ministro Provincial, Fr. Acílio Mendes, acompanhado pelo Fr. Fernando Alberto, chegaram a Timor os três primeiros frades: o Fr. Fernando Alberto, o Fr. José Luís e o Fr. Hermano Filipe. Seguiram-se o Fr. Clemente Martins, o Fr. Manuel Rito, o Fr. António Pojeira, o Fr. Ricardo Tinoco, o Fr. Miguel Grilo e, por último, o Fr. Pedro Cândido.

Desde o início, a par do intenso trabalho de presença e evangelização, os primeiros missionários logo assumiram o encargo prioritário da implantação da Ordem Capuchinha naquele país. Com estruturas físicas e recursos humanos muito escassos, foram recebendo jovens que manifestavam o desejo de ser frades capuchinhos.

Em 2006, para dar resposta ao itinerário formativo dos candidatos, cria-se uma nova fraternidade, numa casa alugada, em Dili, transferida no início do ano de 2009 para o convento entretanto construído em Tibar, Liquiçá, Diocese de Maliana. Dos candidatos recebidos, oito fizeram já a profissão perpétua. Dos admitidos à profissão perpétua, dois já receberam a ordem sacra do diaconado.

Presentemente, registam-se os seguintes candidatos timorenses em formação inicial: 21

postulantes (em Timor-Leste), 8 noviços (em Timor-Leste) e 14 pós-noviços (13 em Timor-Leste e 1 em Portugal).

Quanto a irmãos professos perpétuos, para fazer face aos muitos desafios desta presença missionária, para além dos 8 timorenses já referidos, contam-se dois da Província de Portugal, dois da Província de Pontianak (Indonésia), um da Província da Austrália e um da Custódia Geral de Sibolga (Indonésia), auxiliados pela colaboração pontual de Leigos Capuchinhos em Missão (LCM) provenientes de Portugal e da Austrália.

Perspetiva-se a necessidade e possibilidade de criação de novas fraternidades, para ampliar os espaços de trabalho pastoral dos candidatos que vão terminando a sua formação inicial, e diversificar os lugares da nossa presença; e, no futuro, construir a casa do postulando e do noviçado.

Desde cedo, a Província Portuguesa sentiu que dificilmente podia levar avante sozinha a presença iniciada em Timor-Leste. Por isso, não tardou a solicitar a preciosa colaboração de outras circunscrições da Ordem, a começar pela da Província da Baía-Sergipe, continuando depois com a da Província de Pontianak (Indonésia), a da Província da Austrália e a da Custódia Geral de Sibolga (Indonésia).

O XVIII Capítulo da Província Portuguesa, realizado de 24 a 28 do mês de abril de 2017, determinou que o Conselho Provincial solicitasse ao Ministro Geral o início as ações necessárias à passagem jurídica da responsabilidade em Timor-Leste para outra circunscrição da Ordem.

Dando seguimento a esta determinação, o Ministro Provincial de Portugal, em carta de 7 de junho de 2017, solicitava ao Ministro Geral que tal processo se iniciasse. Em resposta, o Ministro

Geral contactou a Província de Pontianak, a qual aceitou assumir a responsabilidade da presença da Ordem em Timor-Leste.

### As opções dos irmãos

Os irmãos timorenses que professaram na Província de Portugal pertencem, por esse facto, à Província de Portugal.

Porém, nesta nova realidade, é lógico que passem a pertencer à Província que assume a responsabilidade, mas não necessariamente. Por isso, em tempo oportuno, todos os irmãos professos timorenses foram convidados a fazer a opção de pertença a uma das duas províncias. Dezas seis deles escolheram a Província de Pontianak e seis a de Portugal.

### Sem deixar a Missão

Com a passagem da responsabilidade a outra circunscrição da Ordem, a Província Portuguesa não se retira dos caminhos da Missão, muito menos da que há anos iniciou em Timor-Leste. A colaboração mútua das duas províncias sempre foi destacada nos pontos a considerar, antes e após a passagem da responsabilidade.

Por conseguinte, os Capuchinhos de Portugal têm consciência de que deverão continuar a apoiar esta missão e responder, dentro das suas possibilidades, aos imensos apelos a que os portugueses e a língua portuguesa continuem a marcar presença junto deste povo afetiva e efetivamente ligado a Portugal. Assim, deve manter-se viva a disponibilidade dos irmãos portugueses para partirem em missão até «este outro lado do mundo», bem como a cooperação dos grupos missionários ligados às comunidades cristãs confiadas ao cuidado pastoral dos Capuchinhos.

Também agora deve ressoar bem alto o lema do Ano Missionário Extraordinário, o qual, apesar de ter sido já encerrado, deverá continuar a mobilizar os discípulos-missionários de Cristo: “Todos, Tudo e Sempre em Missão”!



Foto de conjunto no fim da celebração.

O Fr. Pedro Cândido, da Província de Portugal, abraça o o Fr. Florindo, em Timor, na sua profissão perpétua.





## Médio Oriente

## Cristãos recusam “ultimato” de um plano de paz que só traria “mais violência”

Uma proposta de plano de paz para o conflito entre Israel e Palestina, apresentada por Trump e Netanyahu, foi rejeitada pelos principais líderes cristãos da Terra Santa, dos Estados Unidos e de âmbito internacional. Parece mais um “ultimato” que só trará “mais violência”, acusam. As recusas têm a ver com a visão simbólica da região para os credos monoteístas.

António Marujo \*

Uma paz justa e abrangente, dois Estados com relações pacíficas e um estatuto internacional para Jerusalém. Em síntese, estas são as mais importantes exigências de responsáveis de Igrejas cristãs depois de conhecido o “plano de paz” apresentado no final de Janeiro pelo Presidente dos Estados Unidos e pelo primeiro-ministro de Israel. Que não traduz mais do que a visão do Estado israelita (e do seu primeiro-ministro) para resolver o conflito que se arrasta há décadas.

A preparação do acordo não teve qualquer participação palestina e o documento foi, também por essa razão, rejeitado pela Autoridade Palestina. O texto prevê a existência de dois estados independentes, Israel e Palestina, com soberania limitada para este último, que também perderia alguns dos territórios ocupados por Israel. Haveria mesmo enclaves sem continuidade territorial, separados por colonatos israelitas e ligados apenas por corredores submetidos a controlo de Israel.

Reafirmando o compromisso por uma paz justa no Médio Oriente, com base nas resoluções mais importantes da ONU, patriarcas e líderes das igrejas da Terra Santa criticaram o facto de Israel querer manter Jerusalém como a sua capital indivisa, bem como conservar os colonatos criados após a guerra de 1967 na Cisjordânia e manter o controlo da segurança na região.

O objectivo, diziam, de acordo com o serviço de informação do Conselho Mundial de Igrejas, deve ser o de garantir segurança, paz, liberdade e dignidade para todos os povos da região. Segundo o Vatican News, a declaração acrescentava que um acordo deve basear-se na perspectiva de dois estados independentes, além de abrir um canal de diálogo com os representantes palestinos «para garantir que as suas aspirações nacionais legítimas também são satisfeitas».

### “Mais tensões e mais violência”

Os bispos católicos também rejeitaram a proposta, dizendo que ela não traz soluções, mas provocará «mais tensões e provavelmente mais violência e derramamento de sangue».

Para que haja acordo é preciso que os dois povos participem numa base de «igualdade de direitos e dignidade», acrescentam. E o plano é o contrário disso: «Não dá dignidade e direitos aos palestinos. (...) apoia quase todas as exigências de um lado, o de Israel, e a sua agenda política (e) não toma em consideração as justas exigências do povo palestino sobre a sua terra natal, os seus direitos e a sua dignidade de vida.»

Os apelos deste tipo vêm de longe. Sobre tudo a partir de 1948, quando a chegada dos judeus em massa a Israel/Palestina e o fim do Mandato Britânico levou à criação do estado de

Israel. Do outro lado, por vicissitudes várias, não se cumpriu a promessa internacional de um Estado palestino.

Ainda em 1948, o Papa Pio XII falou do problema em duas encíclicas, *Auspicio Quaedam* (1 de Maio) e *In Multiplicibus Curis* (24 de Outubro). Assumindo que a região é de importância simbólica máxima para os três monoteísmos – judaísmo, cristianismo e islão –, Pio XII advogava uma solução pacífica que, escrevia, se devia concretizar no «respeito garantido dos direitos de cada um». Ao mesmo tempo, defendia que é «oportuno dar a Jerusalém e seus arredores (...) um regime internacional juridicamente estabelecido e garantido», que seria o «mais conveniente e apropriado» para garantir a protecção dos lugares santos das três religiões.

### Os dois problemas dos cristãos

As ideias expressas não deixarão de estar presentes, ao longo das últimas décadas, nas posições da Santa Sé e da maior parte das igrejas cristãs. E, em 1993, na assinatura do acordo que estabeleceu relações diplomáticas entre Israel e o Vaticano, este insistiu no estatuto internacional para Jerusalém.

A importância da região para os crentes das três religiões, a necessidade da paz e segurança mútuas e o estatuto internacional de Jerusalém são traves-mestras das posições cristãs. E foram também a base das críticas dos bispos católicos dos Estados Unidos ao plano. O presidente da comissão

para a Justiça e a Paz internacional, David Malloy, escreveu ao vice-presidente dos EUA, Michael Pompeo, recordando que o processo de paz não pode prescindir dessas questões fundamentais.

Entre elas, enumerava ainda: têm de ser israelitas e palestinos a ultrapassar o «impasse crónico» nas negociações; cada um dos Estados deve reconhecer «a legitimidade do outro» e dar «passos concretos de colaboração» e construção de confiança; os Estados Unidos e outros deveriam contribuir para o processo. Nenhuma destas condições está contemplada na proposta, acrescentava.

Entre outras reacções muito críticas de vários responsáveis cristãos, o secretário-geral do Conselho Mundial (ou Ecuménico) de Igrejas, Olav Fykse Tveit, também considerou o documento como um «ultimato» e não um plano de paz.

Se é verdade que os argumentos do lado cristão são basicamente os mesmos, a sua defesa embate em dois problemas não menos importantes. O mais grave é que, desde há décadas que se regista um êxodo, agravado nos últimos anos, dos cristãos do Médio Oriente, sujeitos a perseguições e violências, desprezo ou marginalização.

O segundo é a divisão dos próprios cristãos nesses territórios. Se é verdade que as lideranças têm procurado criar plataformas de diálogo entre diferentes igrejas e se há muitas iniciativas que congregam cristãos de diferentes igrejas, também não é menos verdade a situação latente de pequenos conflitos a propósito dos lugares santos – ainda no último Natal, arménios e ortodoxos se envolveram em despiques na Gruta da Natividade, em Belém. E, com essa imagem, não será tão fácil passar uma mensagem de diálogo e paz para todos os povos da zona...



Palestinos protestam em Ramallah, em 2019, contra o acordo do plano de paz de Trump.

\* Jornalista do setemargens.com. O Autor escreve segundo a anterior norma ortográfica.

## Aleluia

**Refrão** frei Acílio Mendes

S  
C



A - le - lu - ia, A - le - lu - ia.  
A - le - lu - ia, A - le - lu - ia.  
A-le-lu-ia, A-le-lu-ia, A-le-lu - ia.



A quem i - re-mos, Se-nhor? A quem i-  
re - mos? Tu tens pa - la - vras de vi-da\_e-  
ter - na. Nós cre - mos em Ti, Se -  
nhor. Nós cre - mos em Ti.

**Versículo**



Nós cre - mos em Ti.

## XXIX Semana Bíblica de Barcelos

De 27 a 31 de janeiro, realizou-se a XXIX Semana Bíblica de Barcelos. O tema foi o mesmo da Semana Bíblica Nacional: "A Bíblia, fonte e alegria da Missão".

João Santos Costa / texto e imagem

Com a média diária de 140 participantes, a formação bíblica para as pessoas desta zona do país realizou-se todos os dias, às 21h00, no salão das irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, em Arcozelo, enfrentando a chuva e o frio de janeiro. A animá-la esteve o frei Acílio Mendes, capuchinho, a residir na Fraternidade de Gondomar.

No dia 27, o frei Herculano Alves falou sobre *O sentido da Missão na Bíblia*. No dia seguinte, o Pe. João Alberto Correia, da Universidade Católica de Braga, dissertou sobre *Os profetas e a sua Missão*. No dia 29, D. Joaquim Lopes, capuchinho, bispo emérito de Viana, em Angola, apresentou o tema: *A Missão nos Atos dos Apóstolos*. No penúltimo dia, o Prof. Doutor José Carlos Carvalho, da Universidade Católica do Porto, conduziu a assembleia *De Cristo evangelizador a uma Igreja missionária*. O último dia consistiu de mesa-redonda, moderada por frei Hermano Filipe, capuchinho: o frei Luís Leitão, capuchinho, a irmã Joana Ribeiro, concepcionista ao serviço dos pobres, a irmã Isabel

Balbino, franciscana missionária de Maria e a Enf. Rosa Ribeiro falaram das suas experiências missionárias em Angola, no Quênia e em Timor-Leste.

Tudo terminou com uma celebração cantada e encenada pelo grupo Bíblico de Lijó.

Estão de parabéns o frei Luís Gonçalves e o Secretariado Bíblico de Barcelos, que promoveram esta Semana de Formação Bíblica.



Acima: Dom Joaquim Lopes. Abaixo, da esquerda para a direita: frei Hermano Filipe, enf. Rosa Ribeiro, frei Luís Leitão, irmã Isabel Balbino e irmã Joana Ribeiro.





## 43ª SEMANA BÍBLICA NACIONAL

## O Evangelho da Vida

Fátima  
23 a 27  
de agosto  
202023. DOMINGO. **Abertura.**

18:30 – Apresentação da Bíblia.

18:40 – Saudação do Ministro Provincial da OFMCapuchinhos.

18:50 – Apresentação da Semana, *frei Manuel Arantes*, secretário do MDB.19:15 – **A Vida e a Bíblia** (introdução aos temas em ppt), *frei Manuel Rito Dias*, ofmcap.19:30 – Oração da noite: *Equipa de Liturgia*24. SEGUNDA-FEIRA: **Vida do Planeta Terra.**09:30 – O sentido da Vida e da Morte, na Bíblia, *frei Herculano Alves*, ofmcap.11:30 – Eucaristia na capela das Irmãs Carmelitas (*todos dias*).

15:00 – Atuais violências contra a vida do Planeta Terra.

Mesa-redonda: *Engº José Manuel Alho e outros a convidar (Laudato si', 37-65).*17:30 – Em defesa de uma Ecologia integral (*Laudato si', 121-135*), *Doutora Helena Freitas*.25. TERÇA-FEIRA: **Vida humana.**

09:30 – A Vida Humana é sagrada e inviolável: «Não matarás» (Ex 20,13; EV 91-134).

15:00 – Mesa-redonda sobre os atentados contra a vida humana: *aborto, eutanásia, suicídio e homicídio, etc.*, *Dra Margarida Cordo e outros a convidar*.17:30 – A responsabilidade sobre a vida: «O Senhor disse a Caim: Onde está o teu irmão Abel? Que fizeste?» (Gn 4,9.10; EV 15-45). *Prof. Doutor João Duque*, UCP/Braga.26. QUARTA-FEIRA: **Vida divina.**09:30 – Jesus, o Verbo da Vida: «*Eu vim para que tenham vida*» (Jo 10,10; EV 53-87), *Doutor José Carlos*, UCP/Porto.15:00 – Os problemas da família, santuário da vida. Mesa-redonda sobre educação, cultura, economia... *Um Casal e o jovem Tomás Virtuoso*.17:30 – O dom da Vida Eterna: «*Vi, então, um novo céu e uma nova terra... e não haverá mais morte...*» (Ap 21,1.4). *Frei Fernando Ventura*, ofmcap.27. QUINTA-FEIRA: **Vida total.**09:30 – Nossa Senhora da Vida – Maternidade de Maria e da Igreja: «*Depois apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher revestida de sol*» (Ap 12,1; EV 182-185), *D. António Couto*, bispo de Lamego.

11:00 – Eucaristia de encerramento.

## INSCRIÇÕES: Secretariado Nacional de Dinamização Bíblica

Rua de S. Francisco de Assis, 160 | Apt. 208 / 2496-908 FÁTIMA

Tel. 249 530 210 | E-mail: sndb@difusorabiblica.com

## Grande 'cidade cosmopolita e planeada' com 5000 anos, descoberta no Norte de Israel

A descoberta ocorreu durante os preparativos para construir uma autoestrada perto de Harish, a 50 quilómetros a norte de Telavive, explicou a Autoridade de Antiguidades de Israel.

Os arqueólogos consideram que esta cidade data do início da Idade do Bronze. Ocupava 65 hectares e aí habitaram cerca de 6000 pessoas.





## Descoberto o primeiro cemitério filisteu o povo do gigante Golias

A cidade, em En Esur, terá sido construída sobre uma outra grande vila que já existia dois mil anos antes. O que significa que, há sete mil anos, já existiria ali uma grande população fixada e que os povos começaram a construir cidades naquela região muito antes do que se pensava.

Além disso, seria já uma sociedade complexa e socialmente estratificada; as descobertas arqueológicas a revelaram diferenças no tamanho e nas características das sepulturas.

Embora fosse menor que algumas cidades surgidas na Mesopotâmia e no Egito no início da Idade do Bronze, En Esur surpreendeu os investigadores pela dimensão única que atingiu, naquela altura, no Sul do Levante (região que abrange atualmente Israel, a Jordânia e uma parte da Síria), explicou os arqueólogos ao diário israelita *Haaretz*.

Esta foi a maior escavação alguma vez realizada em Israel, abrangendo uma área de quatro hectares.

No entanto, os investigadores estimam que só conseguiram escavar ainda menos de 10% da antiga cidade, explicou ao *Haaretz*, o arqueólogo da Autoridade de Antiguidades de Israel, Yitzhak Paz, que liderou o projeto.



## Estradas, um cemitério e um templo

«No final do quarto milénio antes da era cristã [ou era comum], o local tornou-se uma cidade. É uma das primeiras cidades conhecidas no Sul do Levante e constitui, de longe, a maior», acrescentou o arqueólogo.

A cidade tinha uma grande população e estava devidamente organizada. Dispunha de silos para armazenar comida e uma rede de estradas e becos cercados de pedras e outros materiais tipo cimento, de forma a minimizar o impacto das cheias durante a estação chuvosa, assim como outros edifícios públicos e um cemitério. «Tinha, de facto, o pacote completo dos primeiros aglomerados urbanos, com todos os componentes: estradas, locais de enterro, estruturas domésticas, paredes e edifícios públicos», acrescentou o arqueólogo Itai Elad.

Os investigadores acreditam ainda ter descoberto evidências de uma religião organizada, uma vez que uma das estruturas públicas mais impressionantes descoberta até agora seria, ao que tudo indica, um templo ritual incomum, com ossos de animais queimados (prova de ofertas sacrificiais) e uma estatueta de uma cabeça humana, assim como fragmentos de cerâmica, ferramentas de pedra e vasos.

Apesar de aquela população não ter, à data, desenvolvido ainda um sistema de escrita, acredita-se que teria contacto com outros povos, depois de terem sido encontradas peças de cerâmica provenientes de locais como o Egito.

Segundo os investigadores, as descobertas dão uma nova visão sobre o período em que populações rurais começaram a reunir-se em ambientes urbanos.

Mas, apesar da sua importância, de acordo com o *Haaretz*, é improvável que o local venha a ser preservado, podendo mesmo desaparecer em breve, uma vez que existem planos

para construir ali uma autoestrada. Porém, há uma esperança: se as ruínas agora descobertas (que cobrem o espaço onde a autoestrada será construída) corresponderem efetivamente a apenas 10% da cidade, as gerações futuras poderão ter ainda muito para descobrir nas proximidades.

b





## A VIDA primeiro, sempre!

*Também aqui, o último é o primeiro... Temos fama de passar a vida a perder os comboios da História. Porém, mais grave é perdermos o comboio da vida. Porque não volta a passar.*



Muita gente parece que só acordou agora para a doutrina social da Igreja acerca da Vida. Que não é nova, pois vem do longínquo Antigo Testamento e enraíza no mais espontâneo instinto de sobrevivência ou conservação da natureza humana. Por feliz coincidência, ontem, 16 de fevereiro, primeiro dia da semana, o Evangelho dava-nos esta luz para iluminarmos todos os outros dias: «Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não matarás!*» (Mt 5,21). Já aos antigos.

É estranho andarmos todos preocupados com as muitas espécies de plantas, insetos e animais que se extinguem definitivamente com as alterações climáticas, e não zelarmos daquela a quem o Criador confiou as outras todas: a espécie humana!

Temos de cuidar da Terra, dizem, porque não há planeta B. E qual o plano B da vida, para quem acaba com ela antes do seu fim natural?

Transcrevo, apenas, o primeiro número da Carta Pastoral dos nossos Bispos, em 2 de maio de 2019, quando não se discutia o tema. Intitula-se **Um olhar sobre Portugal e a Europa à luz da doutrina social**

**da Igreja.** O seu objetivo é «ajudar os católicos do nosso País e tantos outros portugueses a abraçar os principais desafios com que hoje se deparam no mundo em geral e especialmente em Portugal e na Europa». Eis:

### Toda a vida humana tem igual valor

«A afirmação do valor fundamental da vida baseia-se no que o II Concílio Ecuménico do Vaticano assim enuncia: “A pessoa é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais” (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 25). Assenta na visão bíblica e cristã do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus e chamado a uma vida de comunhão com Ele. É por isso que cada pessoa tem a dignidade de ser única e irrepetível e não pode ser reduzida a simples objeto ou instrumento ao serviço de fins que lhe sejam alheios.

Tal dignidade deriva do facto de ser membro da espécie humana e não de qualquer atributo ou capacidade que possa variar em grau ou

possa ser adquirido ou perder-se nalguma fase da existência. Depende do que ela é, não do que ela faz ou pode fazer. Ou seja:

não varia em grau, conforme maiores ou menores capacidades cognitivas;  
não depende da raça, do sexo ou da idade, nem se vai adquirindo progressivamente até à idade adulta, mas existe plenamente desde o início da vida;  
não deixa de o ser por deficiência ou doença, físicas ou mentais, por muito profundas que sejam;  
não se perde com a idade avançada, a demência ou o estado comatoso.

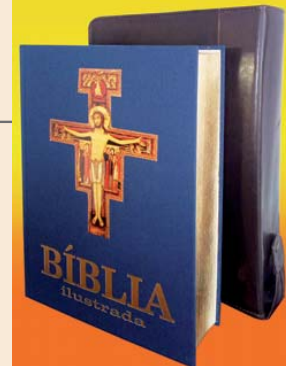
Perante isto, exige-se até uma proteção maior do ser humano mais vulnerável, por si mesmo ou pela fase da existência por que passa: o embrião, o feto, o recém-nascido, o deficiente profundo, o demente, o doente em fase terminal. **Podemos mesmo dizer que o grau de humanidade de uma civilização se pode aferir pelo cuidado com que esta trata os seus elementos mais débeis.**»



LOPES MORGADO



edições da Difusora Bíblica



2ª edição, 2019, 108 pgs. 13,50€

Este livro contém 37 poemas de Natal, acompanhados por 146 imagens que fazem parte da **Coleção de Presépios “O EVANGELHO DA VIDA”**, exposta no novo espaço museológico do Centro Bíblico dos Capuchinhos, em Fátima a partir de 04 janeiro de 2020.

Com este livro, o leitor pode fazer duas caminhadas paralelas, mas complementares: uma, através dos poemas; outra, pela via das imagens, com expressões artísticas diferentes – no autor, na procedência geográfica, nos materiais, nos estilos, na época, nos pormenores. O autor explica: «Com as imagens, não pretendemos ilustrar os poemas, embora fizéssimos algum esforço de aproximação. Qualquer feliz coincidência é a mais valia de ter, aqui, dois livros num só» (p.82).

O livro encerra com 21 páginas, profusamente ilustradas, sobre aquela **Coleção**. E assim, torna-se um repositório de arte, literatura, espiritualidade, história, Bíblia e vida sobre o Natal e a sua expressão artística em países de todos os Continentes.



2ª edição, 2019, 102 pgs. 6,50€

Lopes Morgado parte do livro do Génesis 3,20 e de George Sand. O Génesis evoca o poema das origens do Homem e da Mulher: “*Adão pôs à Mulher o nome de Eva, porque ela seria Mãe de todos os viventes.*” George Sand, pseudónimo de Aurore Lucile Dupin (1804-1876), considerada a maior escritora francesa e uma das precursoras do feminismo, empresta-lhe a frase: “*Os homens que desprezam a mulher, ou não são homens ou não sabem que nasceram de mulher.*” Daí o título do livro, com artigo pessoal no singular, porque de cada um(a).

Os poemas repartem-se por três áreas, sempre ao rés da vida e da Bíblia: Homem-Mulher, Mãe-Filho e Recriação das Origens, numa reescrita de Génesis 1-2.